Belém, 17 de abril de 2018

Ao cumprimentar, encaminho em anexo o Dossiê da língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau, tendo como pesquisador responsável pelo levantamento Ms. Wesley Santos. Abaixo, segue a lista de arquivos em anexo:

- Formulário preenchido conforme Manual INDL;
- Documento de Anuência da Língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau, como parte do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL);
- Termo de compromisso autorizando a realização de gravação em áudio, vídeo e imagem para fins de documentação do INDL;
- Imagens do Mapa de localização das aldeias Kawahiba;
- Documento de levantamento da Ortografia da língua;
- Acompanha uma cópia de DVD, contendo:
    - Documentos citados a cima em formato digital;
    - Fotos da aldeia;
    - Referências em pdf;
    - Arquivos em vídeos contendo Amostra da Língua citada;
    - Vídeo contendo anuência para inclusão da língua no INDL e definição do nome da língua a ser registrado no INDL;
    - Arquivos de áudio, Lista Swadesh com 100 palavras na língua;

Ana Vilacy Galúcio
Coordenadora do Projeto
Museu Paraense Emílio Goeldi

Ana Vilacy Moreira Galúcio
Coordenadora de Pesquisa e Pós Graduação
Portaria 150/2015-MCTI/MPEG

IPHAN / RO
Glenda
08 MAI 2018
16:22
RECEBIDO

Levantamento da Língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau

Inventário Nacional da Diversidade Linguística

EM BRANCO

Wesley Santos
2017

IPHAN / RO
Glenda
08 MAI 2018
16:22
RECEBIDO

EM BRANCO

PARTE I – Formulário

Introdução ao Formulário do INDL

A produção de conhecimento sobre as línguas tem seu escopo definido a partir de algumas temáticas centrais para a metodologia do INDL. Essas temáticas estão sistematizadas num formulário específico, um dos produtos dos inventários, apresentado nesta seção.

O formulário fornece um roteiro básico dos temas de pesquisa, mas em nenhuma maneira totaliza os processos de inventários ou produtos dos inventários. Como um roteiro, o formulário também não esgota as questões possíveis de investigação para cada tema sugerido. Na verdade, os pesquisadores são encorajados a ir além, cobrindo as questões propostas de cada tema e inovando com outras questões e temas pertinentes à situação sociolinguística específica em que estejam trabalhando. Essas informações adicionais podem ser fornecidas no próprio formulário, em campos específicos de observações e detalhamentos, bem como no relatório de pesquisa que é um dos produtos do INDL.

O objetivo do formulário é sintetizar e organizar o trabalho de pesquisa e baseia-se em questões padronizadas, visando a construção de um banco de conhecimentos sobre a diversidade linguística no Brasil.

O formulário está organizado em 6 *módulos*, com um conjunto de temas para cada um deles, conforme ilustrado a seguir:

1. IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA
- Dados do proponente;
- Identificação da pesquisa;
- Escopo do inventário;
- Documentação de anuência;
- Avaliação sobre as informações fornecidas;
- Identificação da área de abrangência da pesquisa.

2. CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL
- Identificação das localidades onde a língua é falada;
- Caracterização do território da língua.

3. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE LINGUÍSTICA
- Identificação da comunidade linguística;
- População da comunidade linguística;
- Caracterização da comunidade linguística.

4. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA DE REFERÊNCIA
- Denominações;
- Modalidade da língua;
- Historicidade;
- Língua e variedades;
- Situação político-jurídica;

- Recursos documentais;
- Pessoas de referência;
- Instituições.

5. DIAGNÓSTICO SOCIOLINGUÍSTICO

- Falantes;
- Aquisição;
- Transmissão da língua de referência;
- Escrita e leitura;
- Situações de uso;
- Atitudes linguísticas na comunidade;
- Síntese.

6. AVALIAÇÃO DA VITALIDADE LINGUÍSTICA, REVITALIZAÇÃO E PROMOÇÃO

- Ações de revitalização e promoção;
- Vitalidade linguística.

O primeiro módulo, IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA, é de apresentação à pesquisa, incluindo dados sobre o proponente e metadados. Deve ser respondido uma única vez por cada pesquisa, mesmo que seja um inventário regional. Já os demais módulos deverão ser respondidos para cada língua a ser inventariada. Ou seja, se uma pesquisa tem como objetivo a produção de conhecimento sobre uma única língua, ela deverá responder uma única vez cada um dos módulos. Mas se a pesquisa tem como objetivo a produção de conhecimento sobre cinco línguas, ela irá responder o módulo PESQUISA uma única vez, e aos demais módulos, separadamente, para cada uma das cinco línguas.

Os Módulos de 2 a 6 reúnem um conjunto de temas destinados à produção de conhecimentos e cada tema contém uma gama de itens e questões. Todos os temas deverão ser objeto de pesquisa e mobilização social dos inventários. No entanto, nem todos os itens de um tema são necessários para os *INVENTÁRIOS BÁSICOS.* Outros itens são objetos específicos do *ACERVO DIGITAL* (cf. Seção 6.4, do volume I).

Para facilitar a visualização do escopo diferenciado entre inventários básicos e amplos, e entre as naturezas de cada item de acervo digital e de preenchimento automática, usamos um sistema de cores para cada tipo de item em particular, conforme ilustrado abaixo:

- Inventário básico
- Inventário amplo
- Acervo Digital

Com relação à natureza dos dados, aos procedimentos implícitos para a pesquisa sobre esses dados e ao tipo de resposta requerida, existem dois tipos de informação que são solicitados pelos itens do formulário. São eles:

IDENTIFICAÇÃO: informações objetivas com respostas sumárias e de caráter horizontal, cuja produção de conhecimento pode ser realizada por observações empíricas em levantamentos de campo, amostragens e/ou estimativas decorrentes de observações e conhecimentos prévios.

CARACTERIZAÇÃO: os itens de caracterização tendem a ser um desdobramento dos itens sumários de identificação. São informações com base em análises e sínteses de dados de diferentes naturezas, com respostas de caráter descritivo e ensaístico, cuja produção de conhecimento requer uma combinação de dados empíricos e objetivos com pesquisas em fontes secundárias, holísticas e qualitativas.

Módulo 1

Identificação da Pesquisa

Este é o espaço para identificação do proponente, do projeto e de parte dos metadados, ou seja, informações sobre o conteúdo disponibilizado no que diz respeito à sua natureza, fontes, abrangência e metodologia de levantamento. Este módulo não corresponde propriamente a um tema de pesquisa, mas nele estão contidas questões preliminares sobre o modo como a pesquisa foi organizada, além de um conjunto de informações preliminares para informar aos leitores sobre sua natureza.

1. Dados do proponente

Nos campos a seguir, preencha com os dados do responsável pelo inventário: nome da instituição e seu endereço, nome do(s) responsável/veis pela pesquisa, formas de contato (da instituição e do responsável, se possível), o tipo de instituição e as credenciais da equipe, ou seja, um conjunto de informações básicas sobre a experiência dos membros da equipe, sua experiência com a(s) língua(s) inventariada(s) com a(s) comunidade(s) linguística(s) em questão e outras pesquisas correlatas.

Nome da Instituição	Museu Paraense Emílio Goeldi
Nome do responsável pela instituição	Nilson Gabas Junior
Endereço da Instituição	Av. Magalhães Barata, 376 – São Braz – 66040-170 Belem/PA
Nome do responsável pela pesquisa	Wesley Nascimento dos Santos
Contatos (e-mail e telefone) do responsável pela pesquisa	[telefone anonimizado]); [telefone anonimizado] (Whatssapp) e-mail: wesley.nascimento.go@gmail.com
Tipo de Instituição (Utilize a tabela de códigos a seguir para indicar o tipo de instituição)	[4]

Tabela de códigos - Tipos de Instituição	
[1] Associação/Representação de falantes	[6] Instituição Pública Municipal
[2] Terceiro Setor	[7] Ponto de cultura ou similar
[3] Instituição Privada	[8] Instituição Religiosa
[4] Instituição Pública Federal	[9] Fundação
[5] Instituição Pública Estadual/Distrital	[10] Outra (*especificar*)

Credenciais da equipe

O pesquisador Wesley Nascimentos dos Santos é aluno de mestrado em Linguística na UNICAMP, durante o período de execução do Levantamento. A realização do levantamento foi supervisionada por Denny Moore, linguista com larga experiência de trabalho com grupos indígenas em Rondônia e que membro do GT da Diversidade Linguistica no IPHAN, representante do MPEG para o INDL.

2. Identificação da pesquisa

2.1 Nome de identificação da pesquisa

Identifique no campo abaixo a pesquisa. Sugere-se nomear o projeto a partir da identificação da língua, da comunidade linguística ou de uma região multilíngue. Por exemplo, "Inventário da língua juruna", "Inventário da região do lavrado de Roraima", etc.

Inventário da língua Kawahiba dos Uru-eu-Wau-Wau (família linguísticaTupi-Guarani)

2.2 Objetivo da pesquisa

Nos campos abaixo, indique o objetivo da produção de conhecimento apresentada através deste formulário, assim como a(s) língua(s) correspondente(s) cuja inclusão no INDL é solicitada.

[x] Produção de conhecimento para inclusão no INDL	De qual/quais língua(s)? Uru-Eu-Wau-Wau
[ ] Produção de conhecimento de língua já incluída no INDL	De qual/quais língua(s)?
[ ] Outro. Explique:	Qual? Sobre qual/quais língua(s)?

2.3 Identificação e síntese da(s) língua(s)

Faça um breve texto descritivo, contendo uma síntese de informações e dados levantados durante a pesquisa sobre as línguas inventariadas, como, por exemplo, nome da língua, região de origem, localidades onde a língua é falada, número estimado de falantes, etc. Crie um novo campo para cada língua inventariada.

Nome da língua: Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau
Síntese: A pesquisa de campo com o grupo Uru-Eu-Wau-Wau (grupo Kawahiba, família Tupi-Guarani, tronco Tupi) levantou todos os dados que o guia do formulário do IPHAN solicitara. Desse modo, todos os módulos foram atendidos, desde a identificação onde a língua é falada, seu histórico de migração, suas denominações, o número de falantes, sua transmissão e aquisição pelas crianças, gravação de vídeos de uso cotidiano da língua, vocabulário básico de 100 palavras da lista Swadesh, até à existência de ortografia e sua funcionalidade.

3. Escopo do inventário

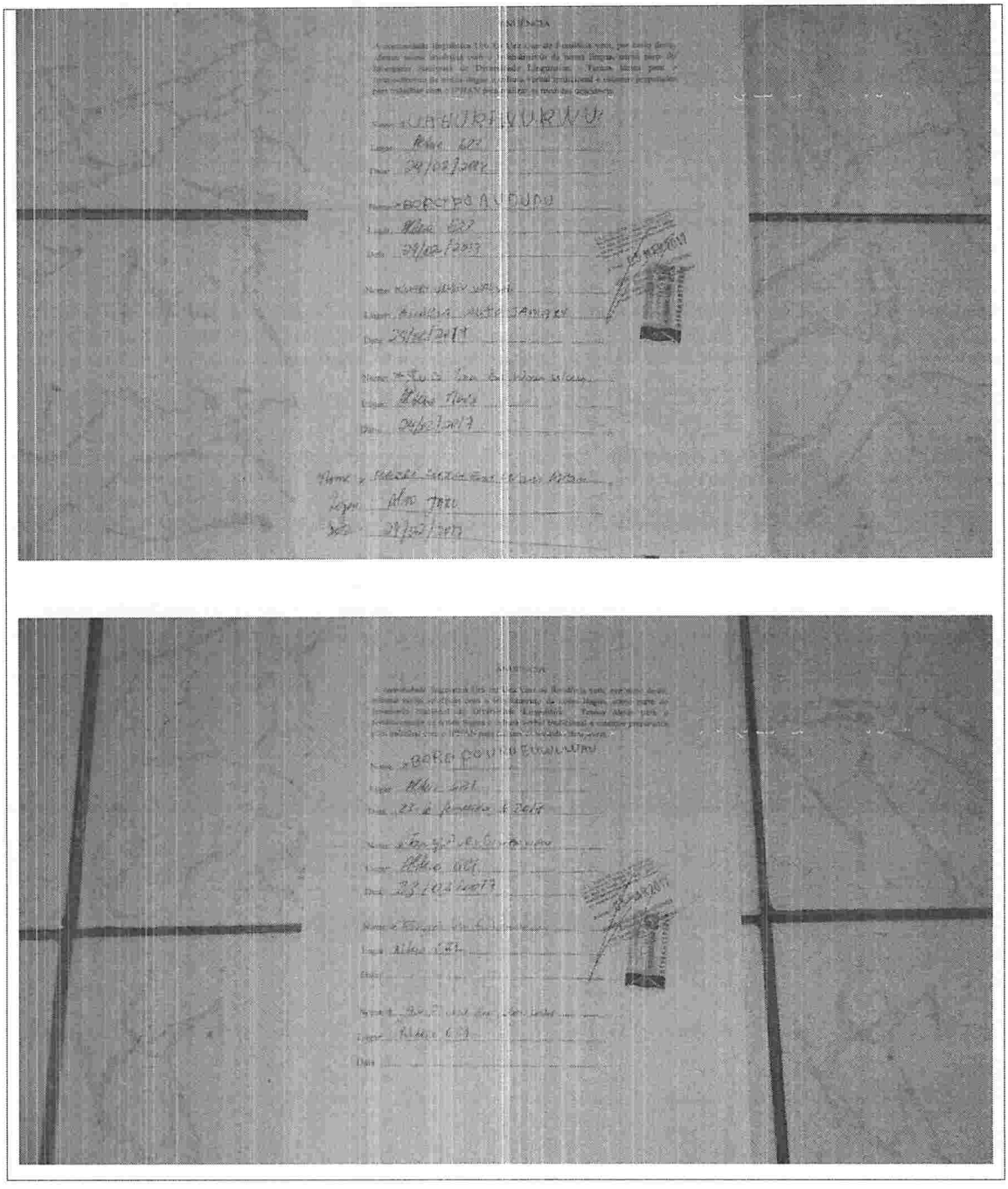
Selecione a opção quanto ao Escopo do Inventário. O inventário básico contém o mínimo necessário para a inclusão no INDL. O inventário amplo contempla produções de conhecimento mais abrangentes sobre uma ou mais línguas. Ambas as possibilidades de inventários possuem a mesma natureza de produtos (formulário, relatório e acervo digital).

[ ] Inventário básico [x] Inventário amplo

4. Documentação de Anuência

4.1 Anuência à pesquisa

Anexe documentação comprobatória de anuência da comunidade linguística para a realização da pesquisa. Se o proponente for uma organização com representantes da própria comunidade, esse é o espaço para que isso seja informado. Se o proponente for organização de fora da comunidade, faz-se necessária a anexação de documentação impressa ou audiovisual conforme normatização pertinente (consultara Seção 4.2, Volume I do Guia, para obter informações sobre anuências". O Suplemento Metodológico traz exemplos de documentação de anuência.



4.2 Pedido de reconhecimento

Anexe documentação (escrita ou audiovisual) em que a comunidade manifeste petição ou concordância para a inclusão da língua no INDL.

Ver Arquivo de vídeo intitulado *Concordância com o Patrimônio Amondaawa*

5. Avaliação sobre as informações fornecidas

Neste item, espera-se que os proponentes realizem uma autoavaliação das informações que inscreverem no formulário quanto à abrangência e à natureza dos dados, além de fornecer informações sobre fontes e escopo das pesquisas. Demais informações e aprofundamentos sobre metodologia e execução das pesquisas devem ser fornecidas no relatório de pesquisa – sugere-se que as equipes indiquem nos campos de observação do formulário em qual seção do seu relatório estão disponíveis tais dados (para mais informações sobre fontes, abrangência e técnicas de produção de dados, consultar o Volume I do Guia).

5.1 Fontes dos dados

As perguntas deste item dizem respeito às fontes de dados utilizadas pela pesquisa, isto é, se houve trabalho em campo para geração de dados originais e/ou atualização de dados secundários.

- Houve pesquisa de campo para a produção de dados originais?

Marque com um X a opção adequada.

[x] Sim	[ ] Não

- Quais dados do formulário foram produzidos e/ou atualizados em campo?

Liste os itens do formulário para os quais houve produção de dados originais em campo. Ex.: Módulo Identificação e caracterização da língua de referência – 5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas; Módulo Diagnóstico sociolinguístico – 1. Falantes; 2. Aquisição; 3. Transmissão.

Todos os itens do formulário foram produzidos em campo, desde a identificação da língua ao número de seus falantes e vulnerabilidade.

- Com relação aos dados secundários, explique sumariamente:

Preencha com as informações requeridas.

Quais tipos de dados foram atualizados em campo?	Dada a quase inexistência de dados sobre a língua, houve somente produção de dados.
Para quais tipos de dados houve pouca ou nenhuma atualização?	Todos os dados requisitados pelo guia foram produzidos satisfatoriamente, portanto não houve

	algum item que não tenha sido satisfatoriamente atendido no presente levantamento.

5.2 Fonte das informações do formulário

Os itens a seguir servem para identificar o modo como o levantamento da população da comunidade e do número de falantes foi realizado e como os tipos de falantes foram definidos em cada pesquisa.

- Como foi feito o levantamento da população da comunidade?

Selecione uma das opções. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção "outros", pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

[x] levantamento populacional total [ ] estimativa por amostragens [ ] estimativa por dados secundários [ ] outros
Observações:

- Como o número de falantes foi obtido?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção "outros", pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

[x] levantamento populacional total [ ] estimativa por amostragens [ ] estimativa por dados secundários [ ] outros
Observações:

- Como foram aferidos os tipos de falantes?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção "outros", pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento realizado para aferir tipos de falantes no quadro de observações.

[] testes de proficiência [ ] autodeclaração [ ] pesquisador falante [x] conhecimento geral de pessoas-chave [ ] outros
Observações:

5.3 Aprofundamento das informações

Listar as principais áreas do formulário que necessitam de aprofundamento de informações, referenciando o item do formulário correspondente. Neste espaço, os proponentes são convidados a fazer uma autocrítica e informar quais campos do formulário necessitam de pesquisas mais detalhadas e aprofundadas.

Item	Especificar necessidade de aprofundamento

	As questões que compõem este levantamento foram completamente atendidas, de modo que o pesquisador se sente na posição de afirmar que não há algum campo do formulário que necessite de mais pesquisas.

6. Identificação da área de abrangência da pesquisa

Neste item, é identificada a área de abrangência da pesquisa, contemplando sua denominação, sua delimitação geográfica e sua abrangência em relação aos países, estados, municípios e Terras Indígenas (quando for o caso) que a compõem (consultar Seções 4 e 5 do Volume I do GUIA para questões sobre territorialidade e delimitação geodemográfica da pesquisa).

6.1. Nome para identificação da área de abrangência da pesquisa

Exemplos: "Território da Língua Guarani Mbya"; "Comunidade Pomerana do Espírito Santo", etc.

Povo Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau (Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau)

6.2 A área de abrangência da pesquisa foi escolhida com base:

Assinale a alternativa adequada.

[ ] num recorte limitado das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua)
[x] na totalidade das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua)
[ ] numa região com várias línguas (inventário regional)

6.3 Delimitação da abrangência da pesquisa

Identifique e nomeie países, estados, municípios, Terras Indígenas e Territórios Quilombolas (quando for o caso) abrangidos pela pesquisa em questão.

	Quantos?	Quais?
Países	1	Brasil
Estados	1	Rondônia
Municípios	1	Governador Jorge Teixeira (todas as aldeias dos Uru-Eu-Wau-Wau: 621, 623, 625/Aldeia Nova, Alto Jaru, Jamari e Alto Jamari);
Terras Indígenas	1	Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau
Territórios Quilombolas		

6.4 Identificação das localidades de pesquisa

No quadro a seguir, utilize linhas diferentes para cada localidade dentro da área de abrangência da pesquisa. Informe o nome da localidade em português, se houve visita *in loco* pela pesquisa (ou seja, se houve trabalho de campo naquela localidade), as coordenadas geográficas correspondentes para cada localidade, a localização geográfica e as línguas faladas na localidade junto com o número **estimado** de falantes por língua [inventários amplos]. Utilize quantas linhas forem necessárias para acrescentar mais línguas.

Nome da localidade	Visita *in loco* pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	*Número de falantes por língua identificados pela pesquisa*
Aldeia Linha 621/ Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau	[x] sim [ ] não	(Lat. (X)): 10°47'17''S (Long. (Y)): 62°57'3''W	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Governador Jorge Teixeira	[] Urbano [x] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [x] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Uru-Eu-Wau-Wau	11
						Português	25

Nome da localidade	Visita *in loco* pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	*Número de falantes por língua identificados pela pesquisa*
Aldeia Linha 623/ Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau	[x] sim [ ] não	(Lat. (X)): 10°49'26''S (Long. (Y)): 62°54'45''W	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Governador Jorge Teixeira	[] Urbano [x] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [x] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Uru-Eu-Wau-Wau	12
						Português	6

Nome da localidade	Visita *in loco* pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	*Número de falantes por língua identificados pela pesquisa*
Aldeia Linha 625 ou Aldeia Nova/ Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau	[ ] sim [x] não	(Lat. (X)): (Long. (Y)):	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Governador Jorge Teixeira	[] Urbano [x] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [x] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Uru-Eu-Wau-Wau	8
						Português	10
Obs.: Como não houve visita *in loco*, não foi possível obter as coordenadas geográficas da aldeia 625.							

Nome da localidade	Visita *in loco* pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	*Número de falantes por língua identificados pela pesquisa*
Aldeia Alto Jamari/ Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau	[ ] sim [x] não	(Lat. (X)): (Long. (Y)):	País: Brasil Estado: Rondônia Município:	[] Urbano [x] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [x] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Uru-Eu-Wau-Wau	11
						Português	17
Obs.: Como não houve visita *in loco*, não foi possível obter as coordenadas geográficas da aldeia Alto Jamari							

Nome da localidade	Visita *in loco* pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	*Número de falantes por língua identificados pela pesquisa*
Aldeia Alto Jaru/ Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau	[ ] sim [x] não	(Lat. (X)): (Long. (Y)):	País: Brasil Estado: Rondônia Município:	[] Urbano [x] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [x] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Uru-Eu-Wau-Wau	10
						Português	15
Obs.: Como não houve visita *in loco*, não foi possível obter as coordenadas geográficas da aldeia Alto Jaru.							

Nome da localidade	Visita *in loco* pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	*Número de falantes por língua identificados pela pesquisa*
Aldeia Jamari/ Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau	[ ] sim [x] não	(Lat. (X)): (Long. (Y)):	País: Brasil Estado: Rondônia Município:	[] Urbano [x] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [x] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Uru-Eu-Wau-Wau	7
						Português	13
Obs.: Como não houve visita *in loco*, não foi possível obter as coordenadas geográficas da aldeia Jamari.							

➢ ***Se houver interesse, preencha o formulário de cadastramento para as demais línguas que foram identificadas na área de abrangência de pesquisa, mas que não são objetos desse levantamento.***

6.5 Área(s) focal(is) da pesquisa

Se o inventário delimitou uma ou mais áreas focais de pesquisa, identifique-as no quadro abaixo (preencha um quadro para cada área focal delimitada pelo inventário).

Denominação da área focal	
Localidades circunscritas à área focal	
Motivações Por quais razões o inventário delimitou essa área focal? Que tipos de questões de	
Que tipos de pesquisa ela serviu para responder?	

6.6 Mapa(s)

Anexe / faça o upload de mapas que representem a área de abrangência da pesquisa

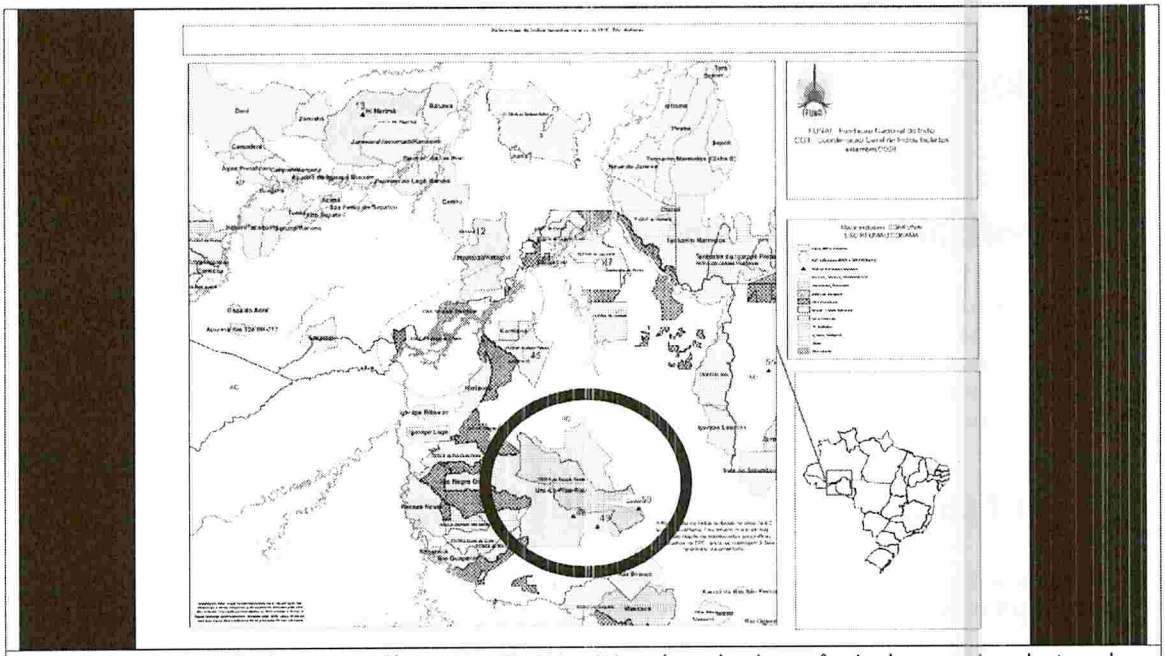


Figura 1. Localização da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, área de abrangência da pesquisa, destacada pelo círculo.

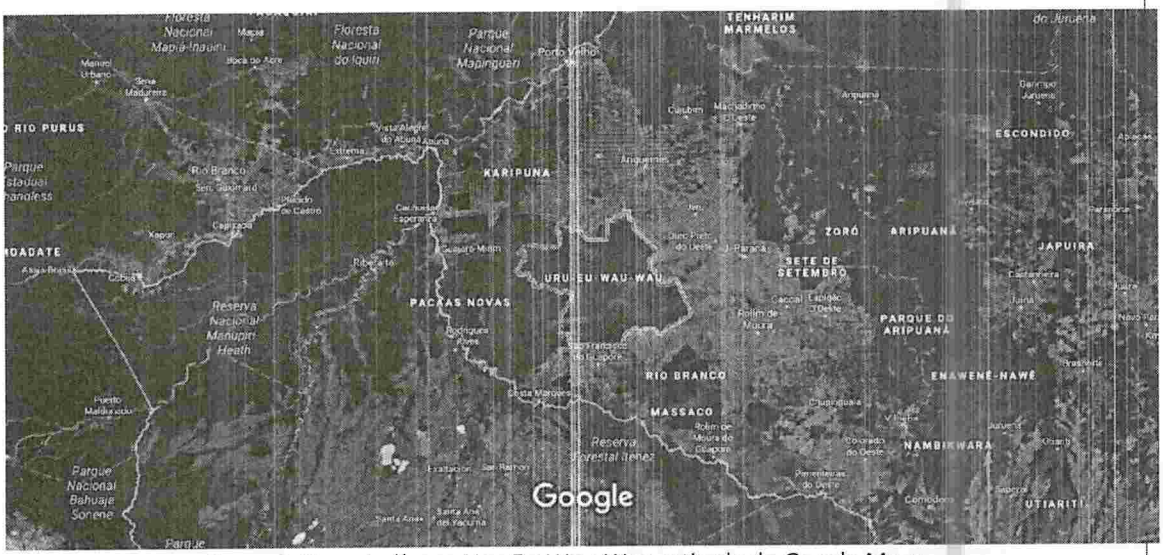


Figura 2. Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau retirada do Google Maps.

Módulo 2

Caracterização Territorial

Este módulo do formulário do INDL abrange a identificação dos lugares onde é falada a língua de referência, bem como a delimitação e caracterização do território dessa língua. Além das informações do formulário, as principais localidades de ocorrência da língua também devem ser objeto de documentação audiovisual através da produção de fotos e vídeos. Lembre-se de que a partir desse módulo, os proponentes dos inventários regionais deverão preencher um formulário para cada língua de referência.

1. Identificação das localidades onde a língua é falada

Neste espaço, serão identificadas as localidades de ocorrência da língua de referência, dentro da área de abrangência da pesquisa, além daqueles onde a língua ocorre fora da área levantada pela pesquisa.

1.1 Localidades de ocorrência da língua fora da área de abrangência da pesquisa

Assinale a opção adequada. Caso confirme a existência de localidades onde haja falantes da língua de referência fora da área de abrangência da pesquisa e tais localidades sejam conhecidas, preencha o quadro em 1.1.1 (somente preencha o quadro 1.1.1 se estiver seguro das informações fornecidas).

- Existem localidades onde há falantes da língua de referência, mas que estão fora da área de abrangência da pesquisa?

[x] Sim Há um indígena da Aldeia Linha 621 que mora na cidade de Ouro Preto do Oeste/RO, mas que frequenta a aldeia com certa regularidade, dado que é professor na aldeia 623. É casado com uma não indígena residente em Ouro Preto do Oeste; É importante notar também que há três indígenas Uru-Eu-Wau-Wau, de meia idade, morando próximo a Guajará-Mirim, em aldeia do povo Oro Win, família linguística Txapacura. Os seus parentes que moram na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau contam que os indígenas do grupo ao qual os três faziam parte foram vítimas das doenças trazidas por não-indígenas, bem como dos massacres aos	[ ] Não

quais foram submetidos durante a colonização de Rondônia, ou na febre da extração de borracha. Vivem hoje com os Oro Win porque não quiseram viver juntos aos demais Kawahiba da região mais a leste da terra indígena, dado que suas migrações eram recorrentes na região onde se encontram atualmente, e porque seus parentes estão enterrados ali próximo. Ademais, há cinco (5) Uru-Eu-Wau-Wau que vivem com os Karipuna de Rondônia.	

1.1.1 Identificação de localidades de ocorrência da língua conhecidos fora da área de abrangência da pesquisa.

Nome da localidade em Português	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade
Ouro Preto do Oeste/RO Localização do único falante que mora em área urbana	(Lat. (X)): 10° 44' 53'' S (Long. (Y)): 62° 12' 57'' W	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Ouro Preto do Oeste	[x] Urbano [ ] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [ ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial
Obs.:	Não sabemos a localização exata dos indígenas que vivem com alguns indivíduos do povo Txapacura conhecido como Oro Win, na aldeia chamada de Pedreira.			

Nome da localidade em Português	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade
T.I dos Karipuna Localização dos cinco (5) indígenas Uru-Eu-Wau-Wau na T.I dos Karipuna	9° 45' 16" S (Lat. (X)) 64° 19' 5" O (Long. (Y))	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Porto Velho, Distrito de Jacy-Paraná	[x] Urbano [x] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [x] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial

Obs.:	

1.2 Localidades de ocorrência da língua na área de abrangência da pesquisa

Preenchimento automático da(s) localidade(s) de ocorrência da língua de referência conforme listados no Item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa (para a versão impressa, copie e cole na tabela abaixo as localidades onde foi identificada a língua de referência). Para inventários amplos, solicita-se o preenchimento do nome de cada localidade na língua de referência (quando houver).

Selecione, no espaço apropriado, as localidades que fazem parte da área correspondente à **comunidade de referência** da língua. Se a pesquisa não fez uma distinção entre comunidade linguística e comunidade de referência, todas as localidades deverão ser selecionadas. Compreende-se a comunidade de referência como os grupos sociais com os quais o inventário teve maior interação, resultando em ações de mobilização social e produção de conhecimentos mais consistentes. Conferir Volume I, seção 4, do Volume, para obter maiores detalhes sobre essas noções.

Nome da localidade em Português	Aldeia da Linha 621
Nome da localidade da língua de referência	Sem nomeação na língua
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[x] Sim [ ] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[x] Sim [] Não

Nome da localidade em Português	Aldeia da Linha 623
Nome da localidade da língua de referência	Sem nomeação na língua
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[x] Sim [ ] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[x] Sim [] Não

Nome da localidade em Português	Aldeia da Linha 625 ou Aldeia Nova
Nome da localidade da língua de referência	Sem nomeação na língua
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[x] Sim [] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[x] Sim [] Não

Nome da localidade em Português	Aldeia Alto Jamari
Nome da localidade da língua de referência	Sem nomeação na língua
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[x] Sim [ ] Não

Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[x] Sim [] Não

Nome da localidade em Português	Aldeia Jamari
Nome da localidade da língua de referência	Sem nomeação na língua
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[x] Sim [ ] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[x] Sim [] Não

Nome da localidade em Português	Aldeia Alto Jaru
Nome da localidade da língua de referência	Sem nomeação na língua
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[ ] Sim [x] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[x] Sim [] Não

2. Caracterização do território da língua

2.1 Padrão de distribuição geográfica das localidades de ocorrência da língua

- Com relação à população falante da língua

Marque no quadro abaixo a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência.

[x] Concentrada em uma área geográfica
Obs.: embora a maioria dos Uru-Eu-Wau-Wau se encontra na T.I Uru-Eu-Wau-Wau, há indígenas vivendo com os outros povos em Rondônia, caso de três Uru-Eu-Wau-Wau junto dos Oro-Win e mais cinco vivendo na aldeia dos Karipuna, também Kawahib.
[] Dispersa em áreas geográficas descontínuas

- Com relação ao padrão de residência em locais urbanos

Para cada linha, marque a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência em relação aos espaços rurais e urbanos.

[x] A comunidade linguística é **majoritariamente rural** e há **poucos falantes** em áreas urbanas [ ] A comunidade linguística é **majoritariamente rural**, mas há **muitos falantes** em áreas urbanas [ ] A comunidade linguística é majoritariamente urbana
[ ] Há um movimento crescente de migração dos falantes para áreas urbanas [x] Não há movimentos significativos de migração dos falantes para áreas urbanas

2.2. Caracterização da área da comunidade de referência da língua

Para todas as localidades na área da comunidade de referência, preencha as informações do quadro abaixo. Utilize um quadro para cada localidade. Utilize o mesmo nome para a localidade que foi utilizado no quadro 6.4 do módulo de identificação da pesquisa.

Nome da Localidade	Aldeia da Linha 621
Demografia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	[ ] População de falantes da língua é majoritária [ ] População de falantes da língua é minoritária [x] População de falantes e não falantes é equilibrada (± 50% para cada)
Temporalidade Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referencia vive nesta localidade	[x] A comunidade reside há menos de 25 anos [ ] A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos [ ] A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos [ ] A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos [ ] A comunidade reside há mais de 100 anos
Infraestrutura Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	[x] Possui rede de eletricidade [ ] Possui atendimento permanente de saúde [x] Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
Economia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	[x] A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais [ ] A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
Observações: Houve visita *in loco* na aldeia 621.	

Nome da Localidade	Aldeia da Linha 623

Demografia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	[ ] População de falantes da língua é majoritária [ ] População de falantes da língua é minoritária [x] População de falantes e não falantes é equilibrada (± 50% para cada)
Temporalidade Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referencia vive nesta localidade	[x] A comunidade reside há menos de 25 anos [ ] A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos [ ] A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos [ ] A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos [ ] A comunidade reside há mais de 100 anos
Infraestrutura Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	[x] Possui rede de eletricidade [ ] Possui atendimento permanente de saúde [x] Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
Economia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	[x] A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais [ ] A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
Observações: Houve visita *in loco* na aldeia 623.	

Nome da Localidade	Aldeia da Linha 625 ou Aldeia Nova
Demografia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	[x] População de falantes da língua é majoritária [ ] População de falantes da língua é minoritária [ ] População de falantes e não falantes é equilibrada (± 50% para cada)
Temporalidade Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referencia vive nesta localidade	[x] A comunidade reside há menos de 25 anos [ ] A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos [ ] A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos [ ] A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos [ ] A comunidade reside há mais de 100 anos

Infraestrutura Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	[] Possui rede de eletricidade [ ] Possui atendimento permanente de saúde [x]Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
Economia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	[x] A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais [ ] A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
Observações: Os indígenas Tangip e Ari da aldeia 621 foram as pessoas-chave para as informações fornecidas sobre a aldeia 625.	

Nome da Localidade	Aldeia Alto Jamari
Demografia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	[x] População de falantes da língua é majoritária [ ] População de falantes da língua é minoritária [ ] População de falantes e não falantes é equilibrada (± 50% para cada)
Temporalidade Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referencia vive nesta localidade	[] A comunidade reside há menos de 25 anos [x] A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos [ ] A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos [ ] A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos [ ] A comunidade reside há mais de 100 anos
Infraestrutura Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	[x] Possui rede de eletricidade [ ] Possui atendimento permanente de saúde [x]Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
Economia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	[x] A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais [ ] A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
Observações: Os indígenas Tangip e Ari da aldeia 621 foram as pessoas-chave para as informações fornecidas sobre a aldeia Alto Jamari.	

Nome da Localidade	Aldeia Jamari

Demografia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	[x] População de falantes da língua é majoritária [ ] População de falantes da língua é minoritária [ ] População de falantes e não falantes é equilibrada (± 50% para cada)
Temporalidade Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referencia vive nesta localidade	[ ] A comunidade reside há menos de 25 anos [x] A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos [ ] A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos [ ] A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos [ ] A comunidade reside há mais de 100 anos
Infraestrutura Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	[x] Possui rede de eletricidade [ ] Possui atendimento permanente de saúde [x]Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
Economia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	[x] A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais [ ] A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
Observações: Os indígenas Tangip e Ari da aldeia 621 foram as pessoas-chave para as informações fornecidas sobre a aldeia Jamari.	

Nome da Localidade	Aldeia Alto Jaru
Demografia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	[x] População de falantes da língua é majoritária [ ] População de falantes da língua é minoritária [ ] População de falantes e não falantes é equilibrada (± 50% para cada)
Temporalidade Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referencia vive nesta localidade	[ ] A comunidade reside há menos de 25 anos [x] A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos [ ] A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos [ ] A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos [ ] A comunidade reside há mais de 100 anos

Infraestrutura Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	[x] Possui rede de eletricidade [ ] Possui atendimento permanente de saúde [x]Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
Economia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	[x] A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais [ ] A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
Observações: Os indígenas Tangip e Ari da aldeia 621 foram as pessoas-chave para as informações fornecidas sobre a aldeia Alto Jaru.	

2.2.1 Síntese das características da área da comunidade de referência da língua

Sintetizar as características sociais, culturais, geográficas, ecológicas e econômicas da área ocupada pela comunidade de referência da língua para a pesquisa. Ressalte quaisquer fatores de ameaça que possam colocar em risco os grupos sociais que vivam na área pesquisada. Caracterize as localidades de forma apropriada, buscando ressaltar as semelhanças e diferenças entre elas. Se área de pesquisa for muito diversificada, caracterize essa diversidade.

Características sociais

Em geral, o cenário dos Uru-Eu-Wau-Wau do ponto de visto social é de que a comunidade indígena tem relações amistosas entre si, de modo que as aldeias mais próximas sempre estão recebendo parentes uma da outra. As confraternizações se restringem a algo como quando alguém tem que se ausentar da aldeia por um período de tempo superior a 15 dias. Foi o caso de uma jovem que recentemente havia sido aceita para o curso de magistério conhecido como Projeto Açaí, realizado a 18km de Ji-Paraná. Já a relação com a sociedade não indígena é esporádica e se limita a serviços como frete de lotação para ir à cidade comprar comida e sacar dinheiro.

Características geográficas

O acesso à aldeia não é tão difícil, principalmente no que se refere às aldeias 621, 623, 625/Aldeia Nova e Alto Jaru, uma vez que há linhas vicinais que permitem o acesso por carro e moto. Praticamente todas as aldeias estão localizadas nos limites da reserva indígena, onde em geral não há rios por perto. A dispersão atual dos Uru-Eu-Wau-Wau no interior da reserva é atribuída pelos indígenas a uma espécie de solicitação da FUNAI a fim de que eles ficassem mais acessíveis e, assim, o órgão pudesse atendê-los com mais facilidade e frequência.

Características ecológicas

Área aparentemente preservada pelos índios, sem sinais de desmatamento próximo às aldeias, ou exploração ilegal do espaço. Nas aldeias 621, 623 e 625/Aldeia Nova, as mais acessíveis pelas linhas vicinais, principalmente porque é onde a sociedade não indígena está mais próxima, os indígenas contam

que não há animais de caça como antigamente, ou mesmo peixes como outrora. Isso pode ser atribuído à menor densidade da floresta nessas localidades, haja vista que a única área preservada é a delimitada pela reserva, o que leva a um decréscimo desses animais nas redondezas.

Econômicas

O meio de subsistência mais comum é o cultivo da lavoura de arroz, feijão, café e mandioca para fazer farinha. Esses produtos são geralmente vendidos para a sociedade não indígena da cidade com o apoio da FUNAI para transportá-los. Na aldeia 621 há indígenas com sete (7) cabeças de gado; outro tem criação de porcos e quase todos têm meia dúzia de galinhas. Os indígenas relatam que, no entanto, dada a não assistência da FUNAI, as lavouras têm sido pouco utilizadas como uma opção para sua subsistência. Há também a "casa da farinha" que, no entanto, já não está sendo usada para complementar a renda. Uma parcela mínima da comunidade vive de benefício social, como o Bolsa Família, bem como há os aposentados e os professores.

Semelhanças e diferenças sociolinguísticas marcantes entre as localidades de ocorrência da língua

A língua dos Uru-Eu-Wau-Wau é falada nas seis (6) aldeias existentes até o presente momento. Os indígenas da Aldeia 621, 623 e Aldeia Nova/625 não relataram qualquer diferença de natureza sociolinguística quanto aos parentes das demais aldeias.

Síntese das situações de risco para a comunidade linguística e a língua

No que diz respeito às aldeias 621 e 623, consideramos que os rumores de que moradores próximos à estrada vicinal entram na reserva para caçar, o que prejudica a relação amistosa que há entre os índios e os não indígenas pode, futuramente, causar algum desentendimento de grave risco para ambos os lados. Já nas aldeias que ficam mais ao norte da reserva, como Alto Jamari, Jamari e Alto Jaru, os indígenas relataram invasões de colonos que já perduram há muito tempo. A esse propósito, em fevereiro, participei como pesquisador de uma reunião na qual estavam presentes representantes de todas as demais aldeias dos Uru-Eu-Wau-Wau e também um procurador do Ministério Público, o Sr. Eduardo. A reunião deste com os indígenas foi a respeito de uma atitude tomada por estes de expulsar alguns invasores dias antes da mencionada reunião. Mais detalhes sobre essas invasões e a atitude de expulsar os invasores por parte dos indígenas podem ser encontrados nos seguintes links que direcionam a matérias disponíveis na mídia local:

http://amazoniareal.com.br/tem-grileiro-invadindo-nossas-terras-denunciam-indios-uru-eu-wau-wau-em-rondonia/;

http://amazoniareal.com.br/cansados-de-esperar-por-pf-e-funai-indios-uru-eu-wau-wau-decidem-investigar-grilagem-de-terra/;

http://amazoniareal.com.br/guerreiros-uru-eu-wau-wau-relatam-como-expulsaram-grileiros-da-terra-indigena/.

2.3 Dados do acervo digital sobre as localidades

Utilize este item para anexar / fazer o upload de arquivos que caracterizem as localidades de ocorrência da língua: fotos, vídeos, mapas de cada localidade, croquis, etc. Para cada upload, é necessário informar do nome da localidade, utilizando o mesmo padrão de apresentação das localidades no item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa.

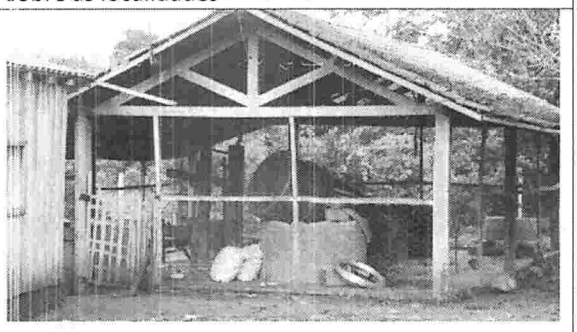
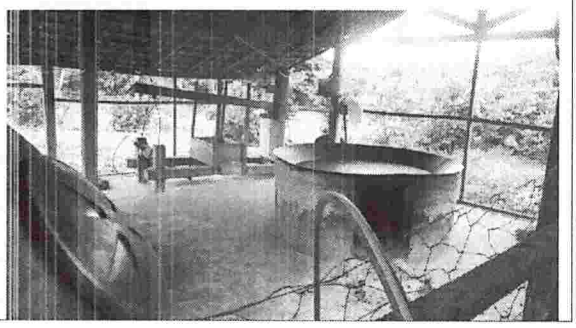
Nome do local	Anexar/ Fazer Upload de dados do acervo digital sobre as localidades
Figura 3. Casa da farinha da Aldeia Linha 621. Fevereiro/2017.	 

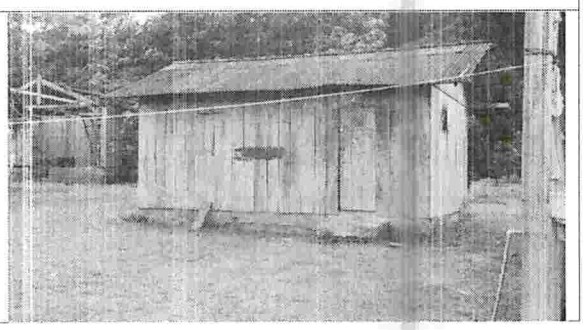
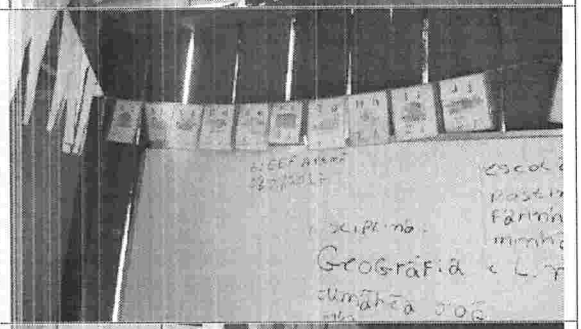
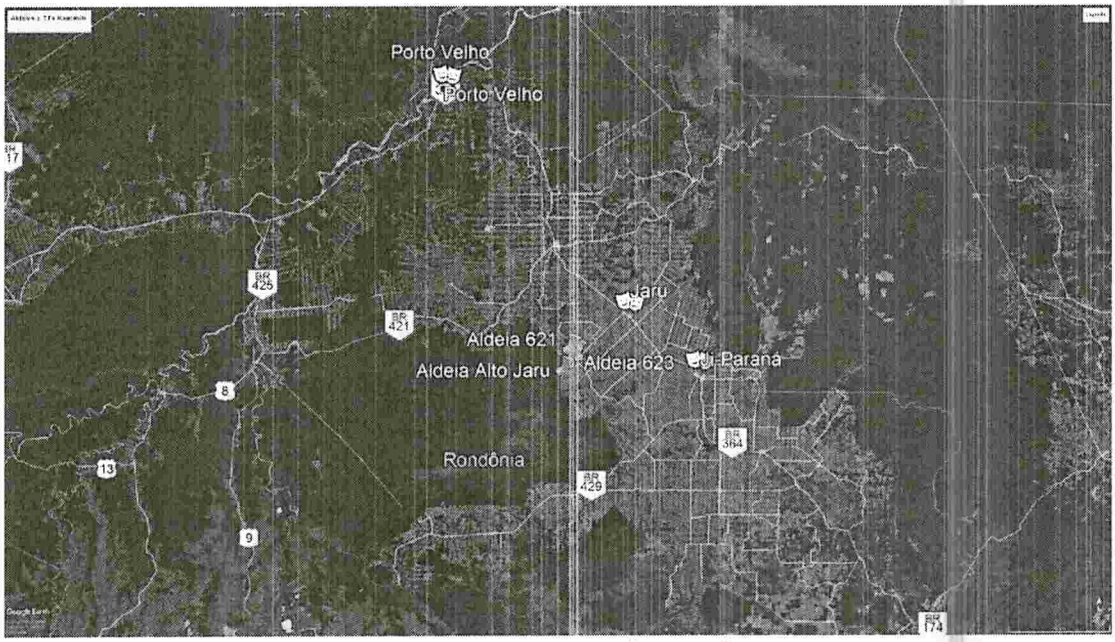
Figura 4. *Tapiri* de uma residência na Aldeia Linha 621: espécie de 'sala de estar', onde é mais comum os índios se reunirem para conversarem. Fevereiro/2017.	
Figura 5. Casa do cacique e modelo mais comum que há nas aldeias Uru-Eu-Wau-Wau, conhecido como 'palafita'. Fevereiro/2017.	
Figura 6. À direita, vista da entrada da casa do cacique da aldeia Linha 621. Ao centro, a porta leva a uma pequena sala onde fica o rádio da comunidade; a janela é parte do alojamento da professora não indígena e onde geralmente se estabelecem os não indígenas a trabalho na aldeia. Fevereiro/2017.	
Figura 7. Escola da aldeia Linha 621. Fechada para o período de férias escolares. Julho/2017.	

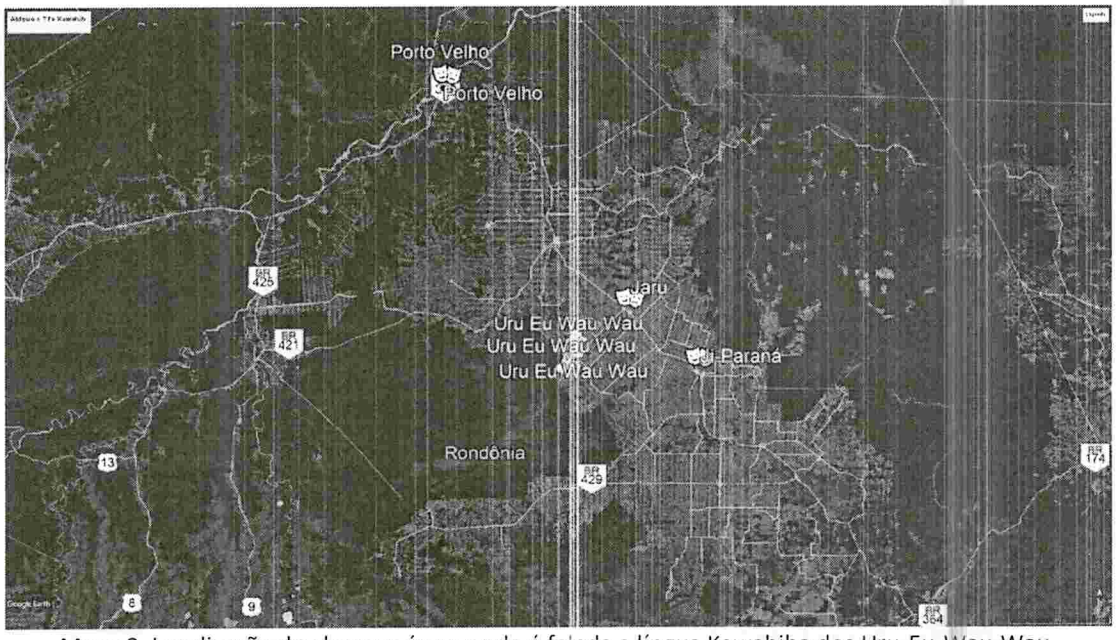
Figura 8. Vista interna da escola da aldeia Linha 623. Julho/2017.	
Figura 9. Escola da aldeia Linha 623. Julho/2017.	
Figura 10. Escola da Aldeia Linha 623. Julho/2017.	

2.4 Mapa(s) de distribuição geográfica da língua

Apresente um ou mais mapas (esboço, croqui, etc) que represente(m) a distribuição geográfica da língua.



Mapa 1. Localização das aldeias 621, 623 e Alto Jaru dos Uru-Eu-Wau-Wau.



Mapa 2. Localização de algumas áreas onde é falada a língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau.

Módulo 3

Comunidade Linguística

1. Identificação da comunidade linguística

A comunidade linguística pode ser classificada como:
Selecione a classificação adequada para a comunidade linguística.

[x] Indígena	→ Identificar a(s) etnia(s): Uru-Eu-Wau-Wau (povo Kawahiba, família Tupi-Guarani, Tronco Tupi). Obs.: o povo Uru-Eu-Wau-Wau se lembra que era um grupo único junto dos demais povos Kawahiba, que são o Parintintim, o Tenharim, o Juma, o Diahoi, o Uru-Eu-Wau-Wau, o Piripkura, o Apiaká, o Capivari, o Karipuna e o Kayabi.
[ ] De imigração	→ Identificar país/região de origem:
[ ] Afro-brasileira	
[ ] Outra. Explique	
[ ] Não-especificada	

2. População da comunidade linguística

2.1 População identificada na pesquisa (comunidade de referência)

Informe, em números absolutos, a população de indivíduos da comunidade de referência identificada pela pesquisa.

99 indivíduos Uru-Eu-Wau-Wau vivem na T.I Uru-Eu-Wau-Wau, área de abrangência da pesquisa. Há três (3) que estão em outra T.I, a dos Oro Win, e mais cinco (5) que vivem com os Karipuna de Rondônia, na T.I Karipuna. Ademais, há um (1) Uru-Eu-Wau-Wau casado com uma Amondawa e que mora na aldeia dos Amondawa Com isso, o total de Uru-Eu-Wau-Wau é 108.

2.2 Estimativa da população total

Informe, em números absolutos, a(s) estimativa(s) do total de indivíduos da comunidade linguística (da própria pesquisa e/ou outras pesquisas disponíveis).

108 Uru-Eu-Wau-Wau

3. Caracterização da comunidade linguística

Para cada um dos subitens, produza um texto dissertativo que caracterize a comunidade linguística, com base nas questões propostas.

3.1 Histórico

Sintetize o contexto histórico da comunidade linguística, ressaltando os seguintes aspectos: **deslocamento geográfico** dos falantes (seu território atual e passado); eventos históricos que levaram os falantes a terem **contato com outras línguas**, além de outros aspectos e situações considerados pertinentes para este campo.

Tem sido atribuído o termo Kawahiba (Kagwahiva ~ Kawahiv ~ Kawahiva ~ Kawahiba) a um complexo dialetal composto por, no mínimo, oito dialetos ainda existentes e falados por diferentes etnias conhecidas como Uru-Eu-Wau-Wau (ou Jupa'u), Amondawa, Karipuna de Rondônia, Parintintim, Tenharim, Juma, Diahoi e Piripkura. Outro povo também pertencente ao pan-Kawahiba, mas já extinto, é o Capivari, do qual restou um falante de 97 anos, que mora com os Karitiana, povo do Tronco Tupi, família Arikém, em Rondônia. Outros dois povos que vivem em Mato Grosso, o Apiaká, cuja última falante morreu em 2013, e o Kayabi, são tidos como Kawahiba. No entanto, a filiação linguística desses povos ao pan-Kawahiba necessita de mais pesquisas. Isso principalmente quanto aos Kayabi, dos quais os Karipuna de Rondônia não se lembram de estarem juntos no passado durante suas migrações para "a terra onde o sol se põe, o oeste". Há ainda povos que vivem em isolamento na T.I Uru-Eu-Wau-Wau, entre os quais os Urupain, que são Kawahiba, segundo os Amondawa e os Uru-Eu-Wau-Wau, bem como povos de não filiação ao pan-Kawahiba, chamados pelos Kawahiba de Wyryparyrekwara, "aqueles de flecha grande".

Outros dialetos, dado como extintos, caso dos Kawahiba que habitavam áreas próximas ao rio Machado, como os Paranawat (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944]) e Wiraféd (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944], 1955); também em um tributário deste mesmo rio, mais próximo do rio Muqui, caso dos Takwatip (NIMUENDAJÚ, 1948, 1981 [1944]; LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 379-439; MEIRELLES e MEIRELLES, 1981, p. 139-140); e os Ipotewát, no rio Machado, falavam dialetos desta língua. Lévi-Strauss (1955) também menciona grupos que já estavam quase em extinção à época e que moravam perto do rio Machado/Ji-Paraná, como os Tucumanfét e os Jabotiféd, e os já extintos no momento, os Mialat, que habitavam na região do rio Leitão, em 1938. O grupo conhecido como Piripkura (palavra Gavião que significa "borboleta"), atualmente em fase de contato, também fala um dialeto Kawahiba. Além disso, há um falante do dialeto Capivari com 97 anos e que mora com os Karitiana, outro povo Tupi, Segundo os Karipuna, esse povo que andava próximo à região do Rio Capivari, em Rondônia.

Historicamente, há evidências de que essas etnias pertenceram a um ancestral comum, dados os relatos que os próprios Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna contam a respeito do histórico de migração do povo. Dizem eles que antigamente todos os indígenas Kawahiba estavam juntos e, então, se separaram, principalmente, por conta de brigas internas cuja motivação é sempre tratada como um tabu.

Um mapa etno-histórico de Nimuendajú (1981 [1944]; cf. Mapa 2 na seção ANEXOS) aponta que os grupos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna - e possivelmente os demais povos Kawahiba

que estiveram em Rondônia - provêm de um dos três grupos que se separaram do ancestral comum que habitava a foz do rio Tapajós quando fugiram, espremidos pelos Munduruku - outro povo Tupi - seus inimigos à época. Um desses povos, possivelmente os Parintintim e Tenharim, se refugiou próximo ao rio Marmelos; outro, os Apiaká, cuja língua se encontra extinta, se estabeleceu próximo ao Alto Tapajós; e, por último, temos os remanescentes dos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna e Capivari, que teriam entrado em Rondônia pelos afluentes do rio Madeira, rios Jaci-Paraná e Jamari (LEONEL, 1995, p. 33).

Os primeiros relatos sistemáticos a respeito dos Kawahiba nos são dados por Nimuendajú (1924; 1948), quando este foi designado pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) para fazer o primeiro contato com os indígenas Kawahiba do rio Madeira, no Amazonas, que, neste caso, eram pertencentes à etnia Parintintim:

> No século 18, uma tribo chamada Cabahica viveu no Alto Tapajóz, entre as confluências do rio Arinos e Juruena e na foz do rio São Manoel. A informação sobre essa tribo é escassa, parcialmente pelo fato de que ela nunca viveu nas margens de algum grande rio, diferentemente de seus vizinhos, os Apiacá (NIMUENDAJÚ, 1948, p. 283).

Os anciãos Uru-Eu-Wau-Wau da linha 621, o casal Boakara e Manda, e os da linha 623, Paijupi e Borea, lembram que nos tempos antigos estavam juntos com os povos Tenharim e Amondawa. Borea ainda conta que encontraram com os Karitiana durante suas migrações, grupo da família Arikém do tronco Tupi, que se localiza no extremo norte do estado de Rondônia; e com os Apiaká, da Família Tupi-Guarani, Tronco Tupi. Este povo tem sido considerado na literatura como também um povo Kawahiba. Os povos Kawahiba mencionados se dispersaram devido aos ataques de não indígenas àquela época. Além disso, brigas internas levaram os hoje Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna, Capivaria e Tenharim a se separarem posteriormente.

Ainda por conta dessas brigas, houve mais dispersões. Dessa vez, os Uru-Eu-Wau-Wau se deslocaram para um lugar chamado de Comandante Ary, em Rondônia. Lá, tiveram contato com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) na década de 80, numa expedição organizada pelos sertanistas Zebel, Apoena Meireles e outros indígenas de povos residentes em Rondônia, os quais tinham o objetivo de salvar os Kawahiba de um iminente encontro fatal para os indígenas. Ademais, dentre os indígenas que ajudaram na expedição, estavam presentes indígenas de povos Paiter Suruí, Tenharim e Wari.

Esse contato foi responsável pela morte de boa parte dos Kawahiba. Alguns ainda tentaram voltar e ir até os Amondawa. Já contaminados, também levaram doenças, o que ocasionou a morte de

indivíduos Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau à época.

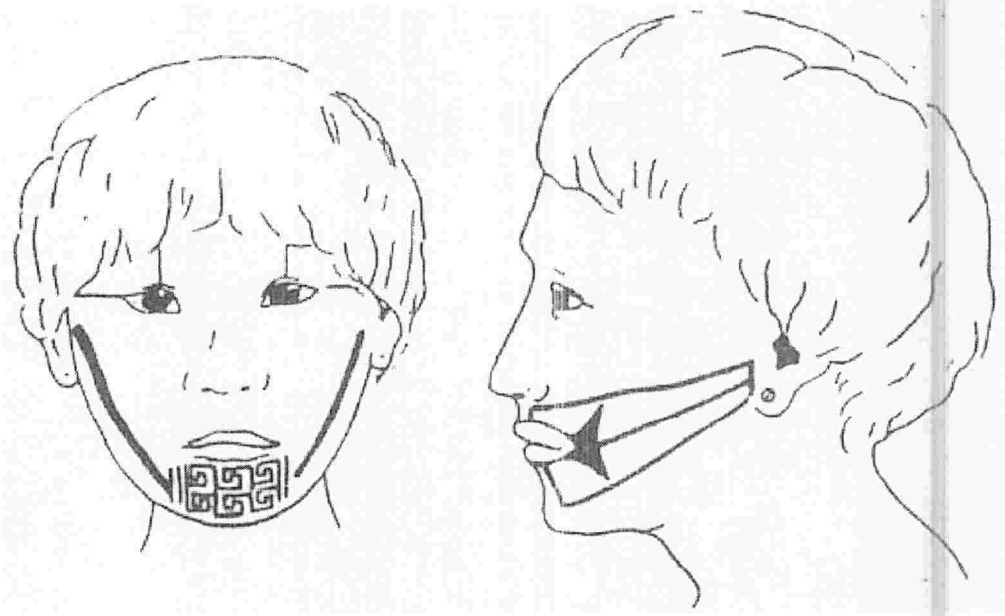
3.2 Presente

Faça uma síntese sobre a comunidade linguística atualmente, procurando responder às seguintes questões: quem são os falantes da língua de referência? O que os caracteriza em termos sociais e culturais? Como se dá sua relação com grupos sociais vizinhos e com a sociedade brasileira e de países vizinhos como um todo?

Os Uru-Eu-Wau-Wau são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani, do Tronco Tupi, e compõem o conjunto pan-Kawahiba junto de outros, no mínimo, nove (9) povos que também se identificam como Kawahiba, quais sejam os Amondawa, Tenharim, Parintintim, Juma, Karipuna de Porto Velho, Diahoi, Piripkura, Apiaká e Kayabi. Há ainda povos Kawahiba isolados, que resistem ao contato com a sociedade nacional.

Culturalmente, como foi primeiramente observado por Denófrio (2013, p. 17) e confirmado em nosso trabalho de campo, esses povos se caracterizam por fazerem uso de tatuagens faciais que se diferenciam entre homens e mulheres, como se verifica na figura abaixo, extraída de Nimuendajú (1924). Denófrio (op. cit., p. 17) menciona que os Piripkura não se lembram de fazer uso de tatuagens.

Figura 11. Tatuagens masculina e feminina Kawahiba.



São notáveis pelas técnicas de aumento do pênis; cintos masculinos feitos de cipó; estojo que acompanha o pênis; cabelos curtos; não consumação de tabaco; a prática da agricultura; a prática ritual de exo-antropofagia; terminologia de parentesco do tipo dravidiano; metades exogâmicas patrilineares não localizadas, com nomes de aves, Mutum e Gavião Real, no caso dos Parintintin; residência que tende a ser uxorilocal com circunstâncias neolocais; relações entre genros e sogros caracterizadas pelo

imperativo da dívida e do dom, xamanismo horizontal; sistema de mudança onomástica, em que os nomes denotam os clãs, os sexos, as idades; e a dispersão geográfica e a autonomia política do grupo local (DENÓFRIO, 2013, p. 17).

No que respeita relações sociais dos Uru-Eu-Wau-Wau com a sociedade não indígena, como já mencionado, essa relação é esporádica e se restringe a quando os indígenas necessitam se deslocar para resolver algo na cidade, como saque mensal de auxílios sociais, o que os leva a fretar uma lotação ou se locomoverem com suas próprias motos, ou mesmo por empréstimo de veículo motomotor. O deslocamento em lotação é comumente feito pelos mais velhos, já que os mais jovens ou vão nas suas motos ou, como já mencionamos, emprestam de algum vizinho ou parente indígena com quem têm mais afinidade.

Módulo 4

Identificação e Caracterização da Língua de Referência

1. Denominações

Em cada um dos quadros, inclua as denominações correspondentes para a língua e observações dessas nomeações (caso haja). É interessante que os proponentes dos inventários utilizem-se dos quadros de observações para fazer análises mais detalhadas sobre essas nomeações, discutindo possíveis traduções para os termos, explicando etimologias, identificando termos pejorativos, etc. Compreende-se por **autodenominações** aquelas que a comunidade linguística usualmente utiliza para se referir à língua de referência, o que pode ser diferente da denominação do grupo social. Em **heterônimos** estão contemplados nomes dados por pessoas de fora da comunidade: outros grupos, nomeação acadêmica, etc. As **denominações de ampla circulação** (ou seja, os termos mais comuns usados na sociedade para se referir à língua ou ao grupo social de falantes) e para inclusão no INDL (a ser definida em conjunto com a comunidade) podem coincidir desde que assim deliberado pela comunidade linguística e pelas equipes executoras dos inventários. Em geral, ambas também serão encontradas entre os termos de autodenominação ou heterônimos (consultar Parte 2, seção 3, para mais orientações sobre essa temática).

Autodenominações	Uru-Eu-Wau-Wau
Observações *Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.*	Termo dado pelos Oro Win aos Uru-Eu-Wau-Wau. Na língua dos Oro Win, significa "os tocadores de taboca", instrumento utilizado durante um ritual conhecido como Yrerua.

Autodenominações	Jimanga [ʒi.'mã.ŋga]
Observações *Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.*	A indígena Manda, da aldeia 621, mencionou que quando os povos Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau estavam juntos, essa era uma das autodenominações que esse povo, formado por ambos, utilizava.

Autodenominações	Jupa'u [ʒu.pa.'ʔu]
Observações *Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.*	Autodenominação do povo Uru-Eu-Wau-Wau hoje contatado e que vive na T.I Uru-Eu-Wau-Wau. Foram quase dizimados, seja por doença ou massacres com invasores da terra. O nome do grupo corresponde ao nome do seu grande guerreiro, Jupa'u.

Heterônimos	Kawahiba
Observações *Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.*	gente, índio, pessoa

Denominação/denominações de ampla circulação, ou seja, nome(s) pelo(s) qual/quais a língua é mais conhecida Poderá repetir denominações dos campos anteriores	Uru-Eu-Wau-Wau
Observações *Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.*	"Tocadores de Taboca", de origem da língua do povo Oro Win.

Denominação utilizada neste formulário e que foi aprovada por um corpo representativo da comunidade linguística Poderá repetir denominações dos campos anteriores.	Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau
Justificativa	Os indígenas desejam que o nome da etnia, Uru-Eu-Wau-Wau, também faça parte do nome a ser registrado como patrimônio histórico cultural. Sendo assim, o acordo resultou na nomeação da língua como Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau.
Observações *Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.*	Kawahiba significa 'gente', 'índio', 'pessoa'. Uru-Eu-Wau-Wau foi a denominação cunhada pelos indígenas Oro Win, que historicamente também habitavam o estado de Rondônia. Na língua Oro Win, Uru-Eu-Wau-Wau significa "tocadores de taboca". Os povos Kawahiba têm um ritual chamado Yrerua, quando dançam em círculos tocando uma flauta enorme feita de taboca. Daí "os tocadores de taboca" por parte dos Oro Win.

2. Modalidade da língua

Selecione a opção adequada. As duas modalidades para a classificação das línguas de acordo com sua modalidade: Oral-auditiva – para as línguas cuja transmissão se dá primariamente a partir da oralidade, ou seja, pela comunicação verbal, e Visuo-espacial – cuja transmissão se dá a partir de sinais manuais e não-manuais, tais como expressões faciais e corporais.

[x] modalidade oral-auditiva
[ ] modalidade visuo-espacial

3. Historicidade

3.1 A língua é falada no território nacional há pelo menos três gerações?

Selecione a opção adequada. Caso a resposta seja não, explique o histórico da presença da língua em território nacional.

[x] sim [ ] não
Observações:

3.2 Indique os marcos temporais que caracterizam a história da comunidade linguística

Os marcos temporais podem ser provenientes da história oral do grupo e/ou de documentação histórica. É importante que os inventários sejam explícitos sobre a fonte e natureza desses marcos. Os marcos temporais podem ser identificados por tópicos ou por um texto corrido, destacando os marcos temporais principais.

Os anciãos Uru-Eu-Wau-Wau das aldeias 621 e 623 lembram-se de estar juntos dos Tenharim, dos Parintintin, dos Amondawa, dos Diahoi, dos Juma, dos Karipuna de Porto Velho, dos Piripkura e dos Apiaká, próximo ao rio Madeira, no estado do Amazonas, no passado;

Separam-se desses povos, num grupo formado com os hoje Amondawa e, então, vão para próximo do que hoje é o rio Cautário, já em Rondônia, Sudoeste deste estado;

Brigas internas levam o povo Uru-Eu-Wau-Wau a se separar dos Amondawa e ir para a região de Comandante Ary ou Alta Lídia, onde tem contato com a FUNAI pela expedição comandada por Zebel, que tinha por objetivo evitar um possível conflito da sociedade, que estava chegando para a colonização de Rondônia, com os indígenas. Os indígenas contraem doenças, que são levadas para os Amondawa, quando do retorno ao local onde os Amondawa estavam. Com isso, os indígenas começam a adoecer e várias mortes vão se somando a cada dia devido à falta de imunidade frente às "doenças dos Brancos";

Migram para uma região próxima da fronteira da reserva, onde fundam a aldeia Alto Jamari. Novas separações ocorrem, seja para proteger a sua área de ocupação, ou por conta de brigas internas. Atualmente, estão dispersos em seis (6) aldeias, todas próximas dos limites do Nordeste da reserva.

Os Karipuna, como Aripã e Katika Karipuna, e o cacique e professor da escola da aldeia, Batiti, lembram-se de que seus antepassados contavam que todos os Kawahiba estavam juntos. Esses Kawahiba eram os Tenharim, os Parintintin, os Amondawa, os Diahoi, os Juma, os Piripkura e os Uru-Eu-Wau-Wau na região atualmente estado de Mato Grosso. Nessas andanças, seus antepassados contavam que se lembravam até de que guerrearam com os Xavante, povo Jê, que mora no Parque Indígena no Xingu. Saíram vitoriosos, principalmente porque eram muitos Kawahiba. Como bons Tupi, migravam constantemente. Durante essas migrações, alguns povos Kawahiba foram ficando em regiões que lhes apraziam. Esse foi o caso dos Piripkura, de quem hoje se sabe que há três falantes, Rita, casada com Aripã Karipuna e, por isso, vive boa parte do seu tempo na aldeia dos Karipuna, e

seus irmãos, que preferiram o isolamento voluntário na T.I Piripkura, no estado do Mato Grosso.

Batiti Piripkura, exímio narrador das andanças do seu povo, e quem guardou boa parte daquilo que seus antepassados narravam, conta que os demais Kawahiba seguiram suas andanças sempre tendo como direção o "lugar onde o sol se põe". "Queríamos conhecer as terras onde o sol se põe, porque viemos de onde ele nasce... de um lugar perto do mar", diz ele. Após a dissidência dos Piripkura, os Kawahiba atravessaram o Rio Machado. A terra onde se encontravam agora já era no estado do Amazonas. Aqui, ficaram os Parintintim, Tenharim e Diahoi. Gostaram da região e decidiram se instalar por essas bandas desde já.

Seguiram viagem Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Karipuna, Capivari e Juma. Entraram novamente em Rondônia subindo o rio Madeira e, desse agrupamento maior, partiram por outro sentido, os Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa. Disseram que sabiam onde se encontrar quando precisassem. Os Karipuna, Juma e Capivari subiram o rio chamado de Contra pelos Karipuna, e ficaram pelas suas margens até os Capivari decidirem também se separarem indo em direção às cabeceiras do Jacy-Paraná.

Tempos depois, os Juma e os Karipuna encontraram-se com povos Wari. Houve várias guerras, com várias mortes do lado dos Kawahiba, até que esses indígenas decidiram reunir todos os Kawahiba de Rondônia para extinguir os Wari, que já estavam até zombando das mortes dos Kawahiba. Desse modo, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa vieram de encontro aos demais Kawahiba e se uniram para a maior guerra que teriam contra a ameaça Wari.

Nesse momento, entusiasticamente, contam Batiti e Aripã, que até as crianças Kawahiba foram armadas com "bordunas" feitas de pupunheira. Localizada a grande aldeia dos Wari que, conforme Batiti, tinha mais de 600 Wari dentro de uma única maloca gigante, era a vez dos Kawahiba aguardarem o momento certo. Nesses dias os Wari estavam comemorando as mortes dos Kawahiba. Era festa, portanto. Passaram-se três dias cercando a aldeia dos Wari, até que um pajé Kawahiba disse que o momento de atacar era agora. Alguns homens Kawahiba entraram na maloca e cortaram a corda dos arcos dos Wari. Depois de todas as cordas cortadas e checadas para confirmar, um Wari se levanta para urinar, o que poderia levar ao início do ataque. Ao voltar, o Wari é surpreendido com um golpe de borduna feito de pupunheira. É o início do massacre dos Wari pelas mãos dos Kawahiba. Alguns conseguiram fugir pelos fundos da maloca em direção à mata densa. Os Kawahiba imediatamente ateiam fogo na maloca e queimam alguns. Outros Wari observam de longe a sua maloca em chamas e começaram a chorar. Estava tudo escuro. Os Wari não viam, mas os Kawahiba estavam à espreita comemorando contidamente ao ouvirem os soluços de choro dos Wari. "Bem feito. Você matou meu irmão, agora eu mato o teu parente", diziam os Kawahiba, felizes com o grande feito.

Os registros históricos dão conta de que os povos Kawahiba de Rondônia, seja os Karipuna de Porto Velho, os Amondawa, os Uru-Eu-Wau-Wau ou o único representante do povo Capivari, provêm de um dos três grupos que se separaram do ancestral comum que habitava a foz do rio Tapajós quando fugiram, espremidos pelos Munduruku, também Tupi, seus inimigos à época. Um povo, formado pelos agora Parintintim e Tenharim, se refugiou próximo ao rio Marmelos; outro, os Apiaká, cuja língua se encontra extinta, se estabeleceu próximo ao Alto Tapajós; e, por último, temos os remanescentes dos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna de Porto Velho e Capivari, que teriam entrado em Rondônia pelos afluentes do rio Madeira, rios Jaci-Paraná e Jamari (LEONEL, 1995, p. 33).

Outros povos, dados como extintos, tais como os Kawahiba que habitavam áreas próximas ao rio Machado, como os Paranawat (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944]) e Wirafed (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944], 1955); também em um tributário deste mesmo rio, mais próximo do rio Muqui, caso dos Takwatip (NIMUENDAJÚ, 1948, 1981 [1944]; LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 379-439; MEIRELLES e MEIRELLES, 1981, p. 139-140); e os Ipotewát, no rio Machado, falavam dialetos desta língua. Lévi-Strauss (1955) também menciona grupos que já estavam quase em extinção à época e que moravam perto do rio Machado/Ji-Paraná, como os Tucumanfét e os Jabotiféd, e os já extintos no momento, os Mialat, que habitavam na região do rio Leitão, em 1938. O povo conhecido como Piripkura (palavra Gavião que significa "borboleta"), atualmente em fase de contato, também fala um dialeto Kawahiba. Do povo Capivari só restou um indígena, que mora hoje com os Karitiana, e já se encontra com 97 anos.

Além disso, ainda há os povos Kawahiba na T.I Uru-Eu-Wau-Wau não contatados. Os Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau também contam que há outro povo isolado nessa terra que não pertence ao povo Kawahiba, principalmente por sua flecha, que é tida como maior que a dos Kawahiba. Daí o nome Wyrapararakwara atribuído por esses indígenas aos isolados, termo que significa "aqueles das flechas grandes".

4. Classificações da língua

Selecione a opção adequada e preencha com as informações requeridas. As línguas deverão ser classificadas em: Afro-brasileira, Crioula (nesses dois casos indicar também as línguas que lhes deram origem), Língua isolada (quando não há línguas aparentadas vivas ou documentadas historicamente) ou ainda através de seu Tronco (se houver) e Família Linguística (é o caso da maior parte das línguas indígenas brasileiras assim como das línguas de imigração). Para mais orientações, consultar a Parte 2, seção 4.

[ ] Língua Afro-brasileira	
[ ] Crioula	
Indicar as línguas que lhe deram origem:	

[ ] Língua isolada

[x] Tronco (se houver)	Tupi
[x] Família Linguística	Tupi-Guarani
Observação/caracterização adicional: *Listar as línguas geneticamente mais próximas*	As variedades de Kawahiba são Diahoi, Juma, Amondawa, Tenharim, Parintintim, Karipuna de Porto Velho, Capivari, Apiaká, Piripkura e Kayabi.
Observações gerais:	Com base nas próprias impressões dos índios, bem como nas referências disponíveis sobre esses povos, trata-se de um complexo dialetal, o pan-Kawahiba, e não línguas diferentes.

5. Língua e Variedades

A discussão e o consequente estabelecimento do que é uma língua e o que são variedades de uma língua deverão ser feitos junto às comunidades linguísticas – especialmente devido ao caráter simbólico-político do reconhecimento patrimonial das língua (para mais informações sobre o tema Língua e Variedades, consultar a seção 4, do Volume 1 do Guia.

5.1 Identificação de línguas e variedades

Responda a questão abaixo para línguas/variedades que possam ser interpretadas como sendo uma mesma língua com a língua de referência, a partir dos critérios discutidos na seção 4.3 do Volume 1 do Guia. Responda apenas com relação às línguas e variedades que são reconhecidas pela comunidade linguística. Identifique-as por meio de uma forma de denominação (autodenominação ou proposta sugerida pelo inventário) e classifique-as conforme as perguntas abaixo.

Utilize uma tabela nova para cada outra língua ou variedade

Denominação da variedade/língua	Amondawa
Localidades ou regiões onde é falada	Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau (Rondônia)
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[x] Sim [ ] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[x] Mesma língua com relação à língua de referência [ ] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[x] Falada por um segmento social da comunidade linguística (*como*

	subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,) [ ] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[x] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [ ] 2-Quase totalmente inteligível [ ] 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) [ ] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[x] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (*ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo*) [ ] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (*ex. português do Brasil e português de Portugal*) [ ] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (*ex. o português e o espanhol*) [ ] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (*ex. o português e o francês*)
Observações: Segundo os Uru-Eu-Wau-Wau Manda, Boakara, Ari, Tangip e Puré, da aldeia 621, não há diferença alguma entre a língua que falam e a dos Amondawa.	

Denominação da variedade/língua	Tenharim
Localidades ou regiões onde é falada	Terra Indígena Tenharim, Sudeste do Amazonas, próximo a Humaitá/AM.
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[ ] Sim [x] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[x] Mesma língua com relação à língua de referência [ ] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[x] Falada por um segmento social da comunidade linguística (*como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,*) [ ] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[x] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [] 2-Quase totalmente inteligível

	[ ] 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) [ ] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[x] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (*ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo*) [ ] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (*ex. português do Brasil e português de Portugal*) [ ] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (*ex. o português e o espanhol*) [ ] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (*ex. o português e o francês*)
Observações: Segundo os Uru-Eu-Wau-Wau Manda, Boakara, Ari, Tangip e Puré, da aldeia 621, não há diferença alguma entre a língua que falam e a dos Tenharim.	

Denominação da variedade/língua	Parintintim
Localidades ou regiões onde é falada	Terra Indígena Tenharim, Sudeste do Amazonas, próximo a Humaitá/AM
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[ ] Sim [x] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[x] Mesma língua com relação à língua de referência [ ] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[x] Falada por um segmento social da comunidade linguística (*como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,*) [ ] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [x] 2-Quase totalmente inteligível [ ] 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) [ ] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[x] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (*ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo*) [ ] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (*ex. português do Brasil e português de Portugal*)

	[ ] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (*ex. o português e o espanhol*) [ ] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (*ex. o português e o francês*)
Observações: Segundo os Uru-Eu-Wau-Wau Manda, Boakara, Ari, Tangip e Puré, da aldeia 621, não há diferença alguma entre a língua que falam e a dos Parintintin.	

Denominação da variedade/língua	Juma
Localidades ou regiões onde é falada	Amazonas
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[ ] Sim [x] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[x] Mesma língua com relação à língua de referência [ ] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[x] Falada por um segmento social da comunidade linguística (*como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,*) [ ] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[x] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [ ] 2-Quase totalmente inteligível [ ] 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) [ ] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[x] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (*ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo*) [ ] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (*ex. português do Brasil e português de Portugal*) [ ] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (*ex. o português e o espanhol*) [ ] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (*ex. o português e o francês*)
Observações: Segundo os Uru-Eu-Wau-Wau Manda, Boakara, Ari, Tangip e Puré, da aldeia 621, não há diferença alguma entre a língua que falam e a dos Juma.	

Denominação da variedade/língua	Karipuna de Porto Velho
Localidades ou regiões onde é falada	Próximo a Porto Velho/RO
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[x] Sim [] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[x] Mesma língua com relação à língua de referência [ ] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[x] Falada por um segmento social da comunidade linguística (*como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,*) [ ] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[x] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [ ] 2-Quase totalmente inteligível [ ] 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) [ ] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[x] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (*ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo*) [ ] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (*ex. português do Brasil e português de Portugal*) [ ] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (*ex. o português e o espanhol*) [ ] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (*ex. o português e o francês*)
Observações: Segundo os Uru-Eu-Wau-Wau Manda, Boakara, Ari, Tangip e Puré, da aldeia 621, não há diferença alguma entre a língua que falam e a dos Karipuna de Rondônia.	

Denominação da variedade/língua	Diahoi
Localidades ou regiões onde é falada	Amazonas
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade	[ ] Sim

de falantes dessa variedade/língua	[x] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[x] Mesma língua com relação à língua de referência [ ] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[x] Falada por um segmento social da comunidade linguística (*como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,*) [ ] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[x] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [ ] 2-Quase totalmente inteligível [ ] 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) [ ] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[x] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (*ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo*) [ ] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (*ex. português do Brasil e português de Portugal*) [ ] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (*ex. o português e o espanhol*) [ ] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (*ex. o português e o francês*)
Observações: Segundo os Uru-Eu-Wau-Wau Manda, Boakara, Ari, Tangip e Puré, da aldeia 621, não há diferença alguma entre a língua que falam e a dos Diahoi.	

Denominação da variedade/língua	Capivari
Localidades ou regiões onde é falada	Um indígena que mora com os Karitiana e já tem 97 anos.
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[ ] Sim [x] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[x] Mesma língua com relação à língua de referência [ ] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[x] Falada por um segmento social da comunidade linguística (*como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo*

	social,) [ ] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[x] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [ ] 2-Quase totalmente inteligível [ ] 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) [ ] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[x] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (*ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo*) [ ] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (*ex. português do Brasil e português de Portugal*) [ ] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (*ex. o português e o espanhol*) [ ] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (*ex. o português e o francês*)
Observações: Segundo os Uru-Eu-Wau-Wau e os Karipuna de Porto Velho, não há diferença alguma entre as línguas. A propósito, o hoje único remanescente dos Capivari estava no contato dos Karipuna com um grupo de não indígenas, ajudando como intérprete.	

5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas

No que concerne às línguas identificadas como uma *Mesma Língua* em relação àquela de referência, descreva os principais elementos estruturais que as diferenciam (por exemplo, a fonologia segmental, a prosódia, o léxico, a morfologia e a sintaxe)?

Utilize o quadro abaixo para identificar sucintamente tais elementos

Somente uma pesquisa com esse fim pode apontar as diferenças estruturais das variedades da língua de referência. Dessa forma, é inviável que em um inventário como esse responda essa questão apropriadamente quanto aos níveis linguísticos de cada variedade.

Por outro lado, identificamos abaixo as propostas de classificação e parentesco da língua dos povos Kawahiba no âmbito da família Tupi-Guarani e/ou tronco Tupi.

A dissertação de Sampaio (1997), *Estudo Comparativo Sincrônico entre os Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondawa): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba* propõe que Parintintim, Tenharim, Uru-Eu-Wau-Wau e Amodawa são dialetos de uma mesma língua com o percentual de inteligibilidade mútua superior a 80%.

Em trabalho posterior, a autora (2012), com base na fonoestatística, que considera critérios

fonológicos para uma classificação interna, tal como na figura 12, e o método léxico-estatístico, com resultados apresentados na figura 13, também agrupa os dois povos, Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau, como mais próximos entre si dentro do complexo formado pelas demais etnias Kawahiba já mencionadas.

Figura 12. Agrupamento Kawahiba com base na fonoestatística.

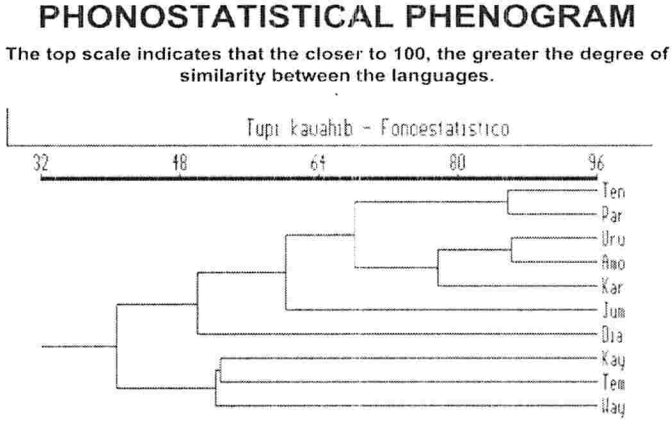
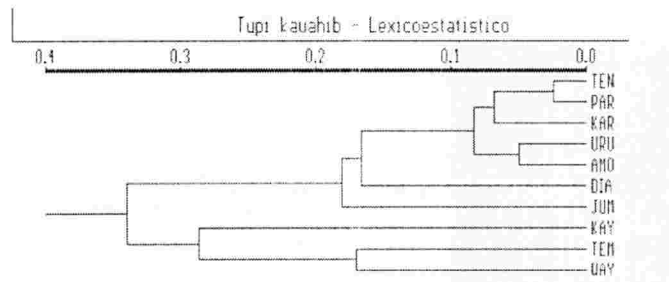


Figura 13. Agrupamento Kawahiba com base na léxico-estatística.

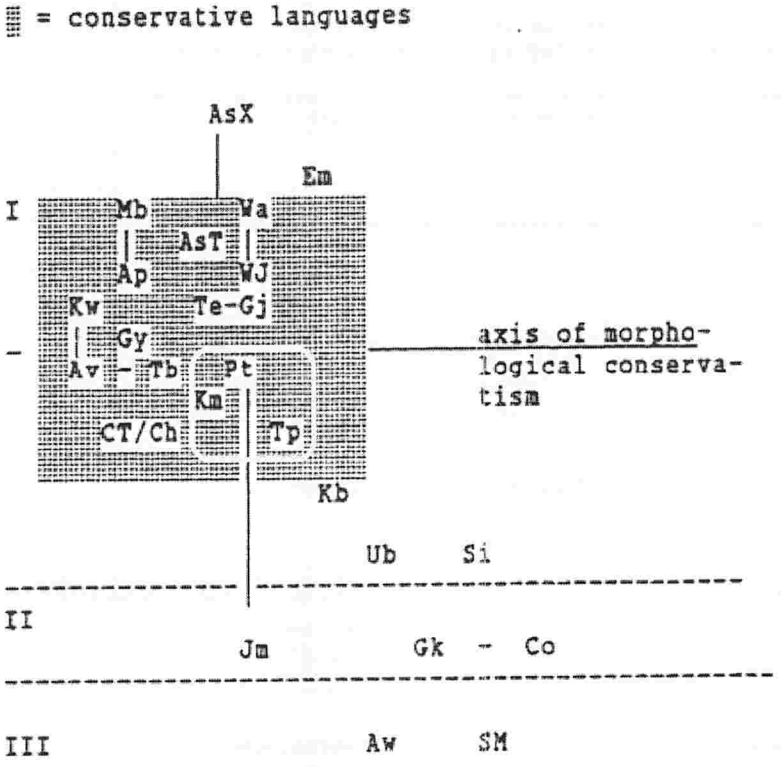


A classificação de Rodrigues (1964)

Subconjunto I	Suruí do Tocantins (Majetíre)
Guaraní Antigo	Parakanã
Mbyá	Guajajára
Xetá (Serra dos Dourados)	Tembé
Ñandéva (Txiripá)	
Kaiwá (Kayová, Pãi)	**Subconjunto V**
Guarani Paraguaio	Kayabí
Guayaki (Aché)	Asuriní do Xingu
Tapieté	Araweté (?)
Chiriguano (Ava)	
Izoceño (Chané)	**Subconjunto VI**
	Parintintin (Kagwahib)
Subconjunto II	Tupí-Kawahíb (Tupi do Machado,

Guarayo (Guarayú) Sirionó Horá (Jorá) **Subconjunto III** Tupinambá Língua Geral Paulista (Tupí Austral) Língua Geral Amazônica (Nheengatú) Kokáma Kokamiya (Cocamilla) Omágua **Subconjunto IV** Tapirapé Avá (Canoeiro) Asuriní do Tocantins (Akuáwa)	Paraweté, Wiraféd, etc.) Apiaká (?) **Subconjunto VII** Kamayurá **Subconjunto VIII** Takunyapé Wayampí (Oyampí) Wayampipukú Emérillon Amanayé Anambé Turiwára Guajá Urubú

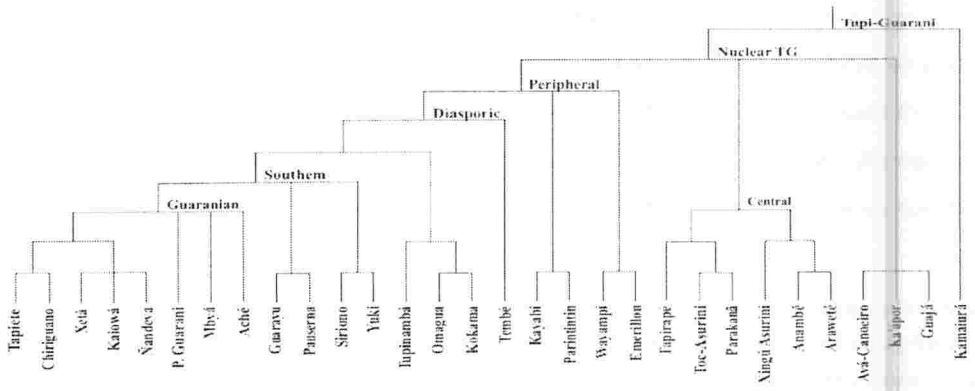
Schleicher (1998), com base em mudanças fonológicas e conservacionismo morfológico, aproxima o Parintintin do Kamayurá e Tapirapé.



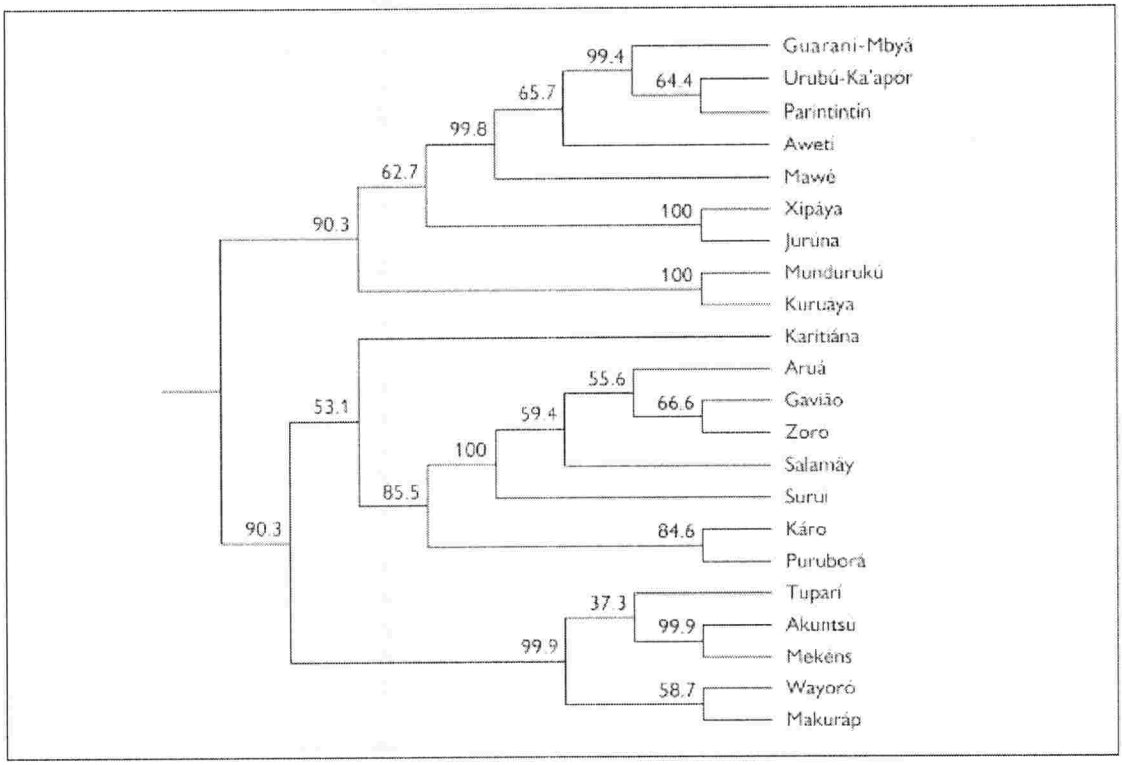
O trabalho de Mello (2000; 2002)

Subgrupo I **1a.** Guarani Mbyá Guarani Antigo Guarani Paraguaio **1b** Chiriguano Chané Izoceño **1c.** Guayaki **1d.** Xetá **Subgrupo II** Sirionó **Subgrupo III** Guarayo **Subgrupo IV** **IVa.** Parintintin Amundava Urueuwauwau **IVb.** Tenharim Karipúna **Subgrupo V** Apiaká Kayabí Kamayurá	**Subgrupo VI** **VIa.** Asurini do Trocará Suruí Parakanã **VIb.** Tembé **VIc.** Tapirapé **VId.** Asurini do Xingu **Subgrupo VII** Araweté Auré e Aura Anambé Guajá **Subgrupo VIII** Wayampí do Jari Wayampí do Amapari Emerillon Urubu-Kaapór **Subgrupo IX** Tupinambá Língua Geral Amazônica (Kokama)

A classificação de Michael et. al (2015), de natureza filogenética, lista uma das variedades Kawahiba, o Parintintin, como mais próximo ao Kayabi.



A classificação de Galucio, com base numa lista de palavras de 90 itens de nomes de animais e plantas et. al (2015), aproxima o Parintintin do Urubú-Ka'apór.



Por fim, gostaríamos de notar que recentemente Aguilar (2017) propôs que os Kayabi, povo que habita o norte do Pará, também faça parte do complexo dialetal Kawahiba. A autora não apresenta dados linguísticos que comprovem essa afiliação genética aos demais Kawahiba já mencionados, mas tão somente se baseia em fontes secundárias não linguísticas. Portanto, somos céticos quanto a essa proposta no momento, seja pela falta de dados que comprovem linguisticamente esse agrupamento aos Kawahiba, mas também e principalmente porque os Karipuna, os Amondawa e os Uru-Eu-Wau-Wau não confirmaram essa informação. Os Karipuna Aripã, Katika e Batiti, assim como os Amondawa Tari e os Uru-Eu-Wau-Wau da aldeia 621 Boakara e Manda nunca ouviram falar por parte de seus antepassados de um povo que se chamasse Kayabi e que estivesse junto nas migrações que realizaram desde o leste para o oeste. É aguardada, portanto, uma análise linguística que possa provar a filiação linguística da língua falada pelos Kayabi ao complexo Kawahiba.

No que concerne às línguas identificadas como *Línguas Diferentes* em relação àquela de referência, diga se há propostas na literatura especializada que tenham uma interpretação divergente, ou seja, que as classificam como variedades de uma mesma língua?

Utilize o quadro abaixo para Identificar tais propostas e resumir seus argumentos.

[x] Não [ ] Sim
Identificação e resumo das propostas: Não há propostas na literatura que tratem essas variedades como línguas diferentes.

5.3 Documentação da pesquisa sobre línguas e variedades

Faça o upload ou escreva no quadro abaixo o *link* no quadro abaixo dos arquivos que apresentem os principais instrumentos e produtos utilizados na documentação, levantamentos e discussão com a comunidade sobre línguas e variedades.

GALUCIO, Vilacy; MEIRA, Sérgio; BIRCHALL, Joshua; MOORE, Denny; GABAS JÚNIOR, Nilson; DRUDE, Sebastian; STORTO, Luciana; PICANÇO, Gessiane; RODRIGUES, Carmem R. Genealogical relations and lexical distances within the Tupiana linguistic family. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, maio-ago 2015. p. 229-274. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v10n2[telefone anonimizado]-bgoeldi-10-02-00229.pdf. Acessado em 26 jun. 2017.

MELLO, Antônio A. S. *Estudo histórico da família linguística Tupi-Guarani*. Tese. 286 p. (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

MELLO, Antônio A. S. Evidências fonológicas e lexicais para o subagrupamento interno Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). *Línguas Indígenas Brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará (EDUFPA), 2002. p. 338-342.

MICHAEL, Lev; CHOUSOU-POLYDOUN, Natalia; O'Hagan, Zachary; BARTOLOMEI, Keith, DONNELLY, Erin. A bayesian phylogenetic classification of Tupí-Guaraní. *Liames*, Campinas/SP, n. 15, v. 2, jul./dez. 2015. p. 193-221.

RODRIGUES, Aryon D. Relações internas na família Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 27-28, 1984/1985. p. 33-53.

SAMPAIO, Wany Bernardete A. *Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondava): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba*. Dissertação. 103 p. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1977.

SAMPAIO, Wany Bernardete A. *The Tupi-Kawahiba languages: A Phylogenetic systematics based comparative study*. Apresentação Powerpoint no website PowerShow.com. 2012.

SCHLEICHER, Charles O. *Comparative and internal reconstruction of Proto-Tupi-Guarani*. Tese. 372 p.

(Doutorado em Linguística) - University of Wisconsin-Madison. Wisconsin, 1998.

6. Situação político-jurídica

Nos itens apresentados a seguir, identifique a situação das línguas com relação a leis de oficialização e/ou patrimonialização existentes. Identificar línguas que tenham passado, estejam passando ou que ainda não foram objeto de **leis de patrimonialização ou oficialização** é uma importante ferramenta para se conhecer a diversidade desses instrumentos no território nacional e acompanhar as ações decorrentes desses processos, bem como sua efetividade.

6.1 Oficialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de oficialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
[ ] Língua Oficial		
[ ] Língua em processo de oficialização		
[x] Língua não-oficial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver)

6.2 Patrimonialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de patrimonialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
[ ] Língua reconhecida como patrimônio		
[ ] Língua em processo de reconhecimento patrimonial		
[x] Língua sem reconhecimento patrimonial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/*hyperlink* (se houver)

6.3 Caracterização das leis e estado atual de regulamentação

Caracterize as leis de oficialização e patrimonialização, discutindo sua abrangência e estado atual de implementação. Indique também seu estado atual de regulamentação (caso tenham sido), referindo o número dos processos e publicações, com breve descritivos e *hyperlinks* dos mesmos (se houver).

6.4 Fac-símiles dos documentos

Anexar ao formulário / Fazer upload de documentos completos de co-oficialização e patrimonialização

7. Recursos Documentais

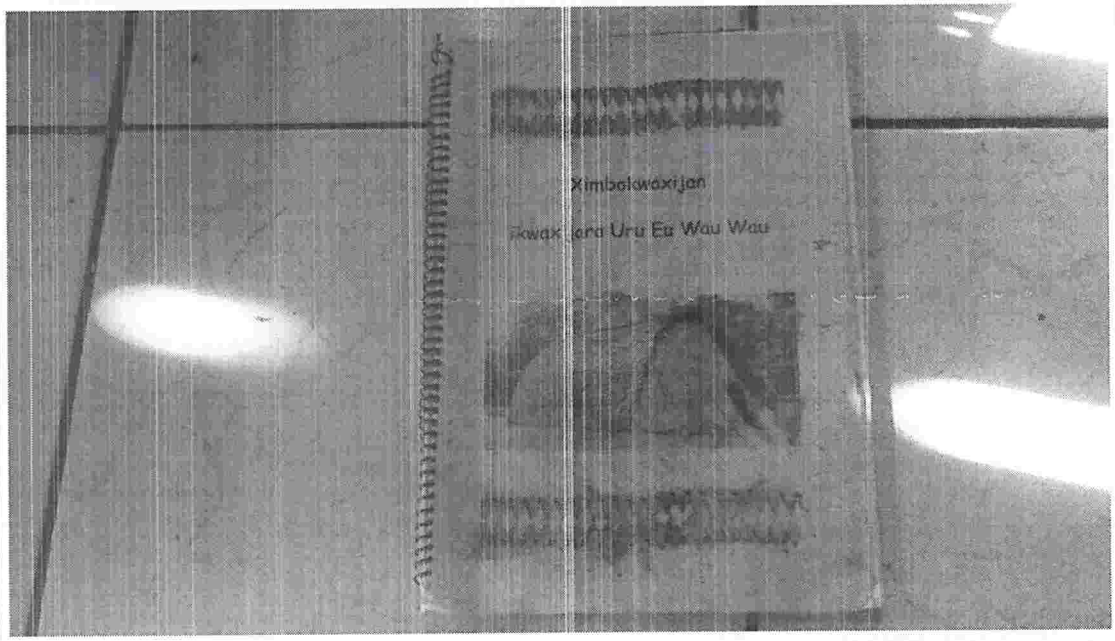
Os recursos documentais estão divididos entre recursos *na* língua – quando a língua de referência é o principal código linguístico utilizado – e recursos *sobre* a língua – quando a língua de referência e a comunidade linguística são o tópico do documento feito em outra língua. Assim, os principais tipos de documentos listados *na* e *sobre* a língua são: produção bibliográfica (livros, panfletos, etc., incluindo materiais didáticos), produção áudio visual (documentários, filmes), produção musical (canções entre outras) e produções na internet – que devem incluir todos os documentos listados e que estejam numa plataforma WEB, além de produtos únicos na internet, como blogs, websites, páginas em redes sociais, vídeos, entre outros.

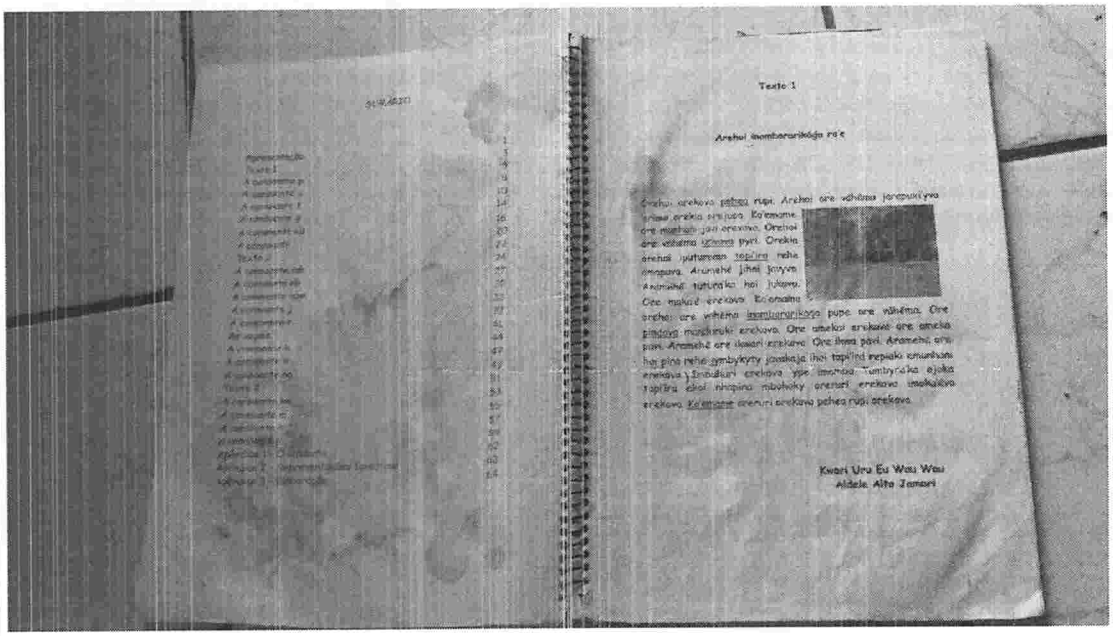
7.1. Produções documentais

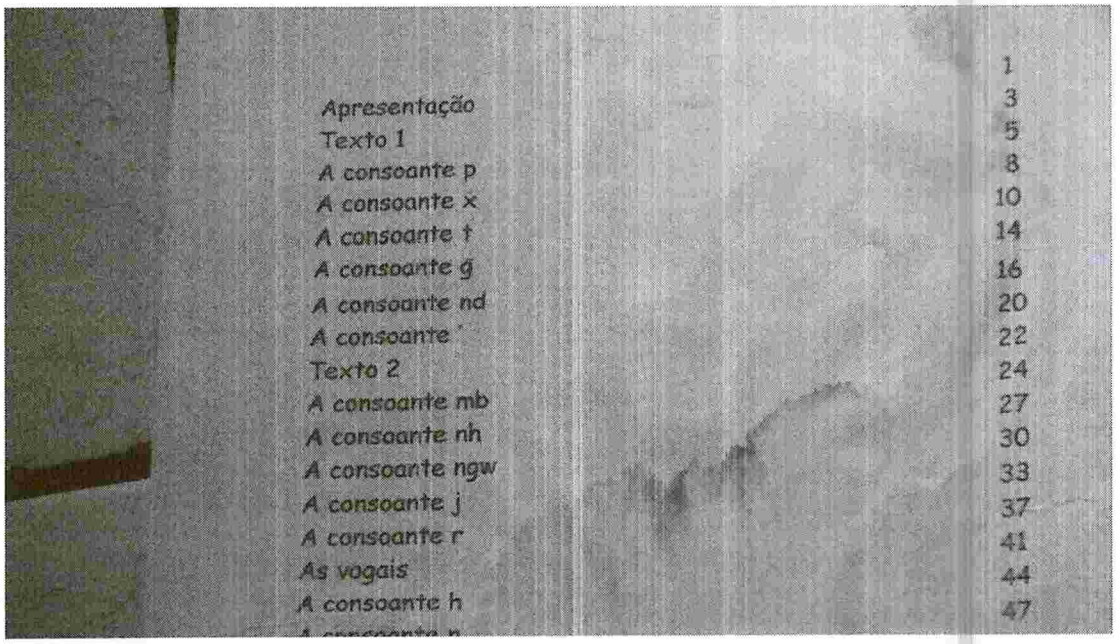
Identifique e liste as principais produções documentais **na** e **sobre** a língua, incluindo, com a referência bibliográfica completa.

Produção bibliográfica na língua (incluindo materiais didáticos)

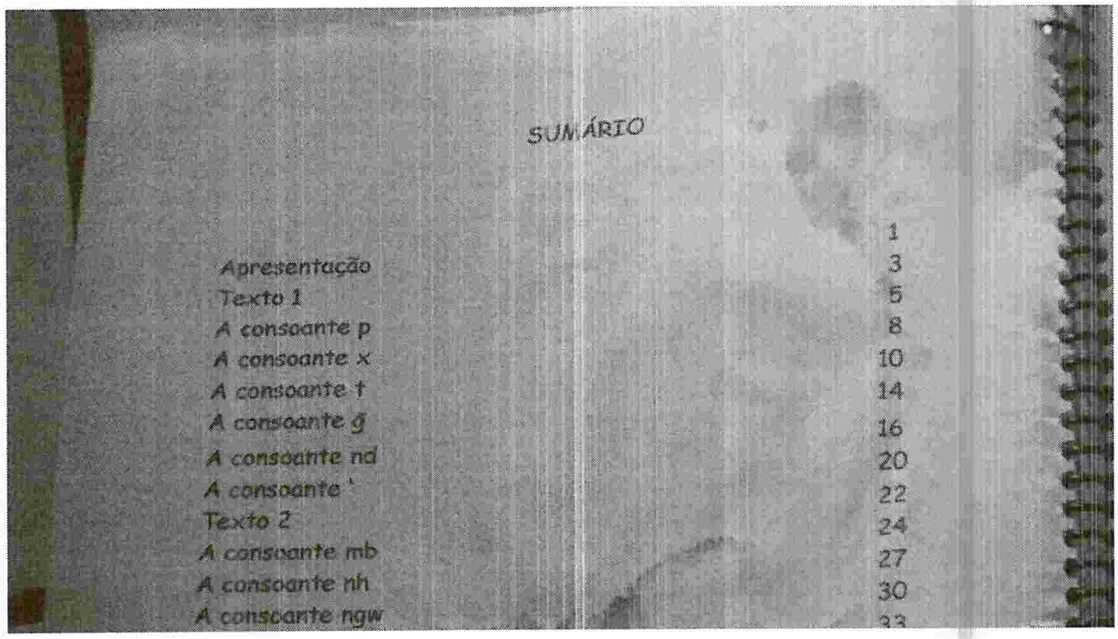
Há uma cartilha elaborada pelos próprios indígenas Uru-Eu-Wau-Wau baseada, no entanto, na ortografia inconsistente que há para a língua. Seguem imagens abaixo:


Ximbokwaxijan
Ikwaxijara Uru Eu Wau Wau


Texto 1
Kwari Uru Eu Wau Wau
Aldele Alta Jamari

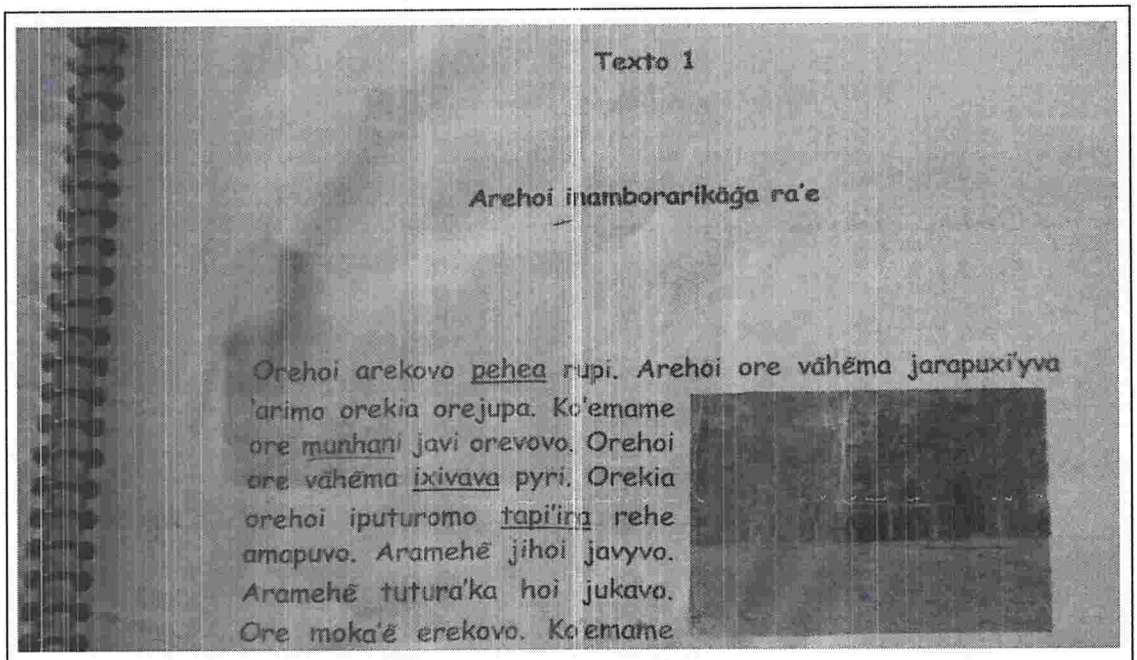


Apresentação 1
Texto 1 3
A consoante p 5
A consoante x 8
A consoante t 10
A consoante g 14
A consoante nd 16
A consoante ' 20
Texto 2 22
A consoante mb 24
A consoante nh 27
A consoante ngw 30
A consoante j 33
A consoante r 37
As vogais 41
A consoante h 44
47



SUMÁRIO

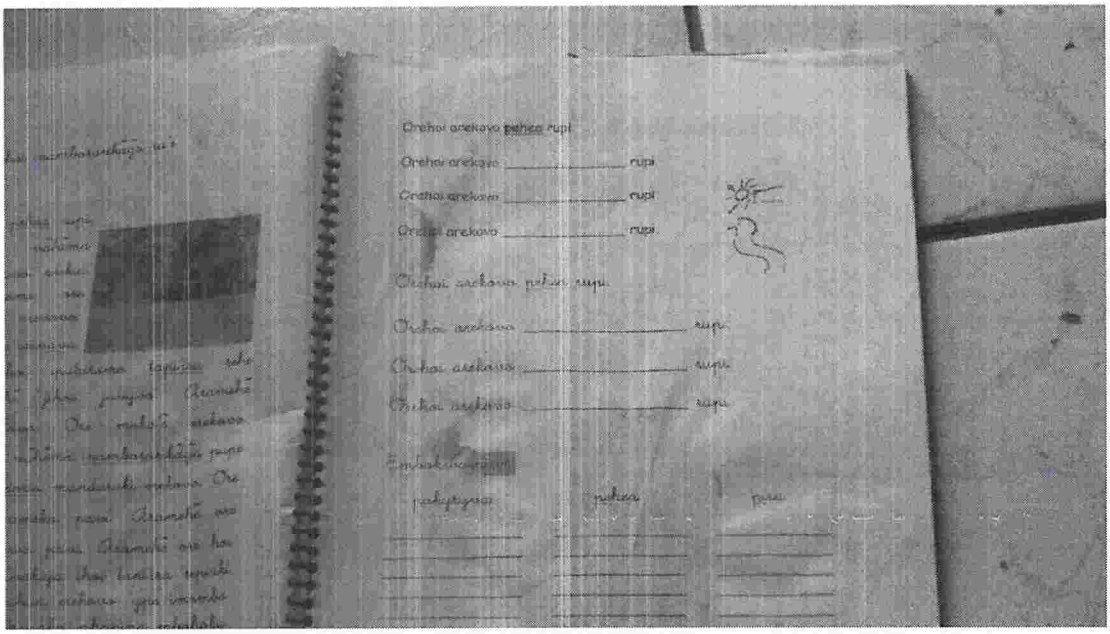
Apresentação 1
Texto 1 3
A consoante p 5
A consoante x 8
A consoante t 10
A consoante g 14
A consoante nd 16
A consoante ' 20
Texto 2 22
A consoante mb 24
A consoante nh 27
A consoante ngw 30
33



Texto 1

Arehoi inamborarikãga ra'e

Orehoi arekovo pehea rupi. Arehoi ore vãhẽma jarapuxi'yva 'arimo orekia orejupa. Ko'emame ore munhani javi orevovo. Orehoi ore vãhẽma ixivava pyri. Orekia orehoi iputuromo tapi'iria rehe amapuvo. Aramehẽ jihoi javyvo. Aramehẽ tutura'ka hoi jukavo. Ore moka'ẽ erekovo. Ko'emame



Orehoi arekovo pehea rupi

Orehoi arekovo _____ rupi

Orehoi arekovo _____ rupi

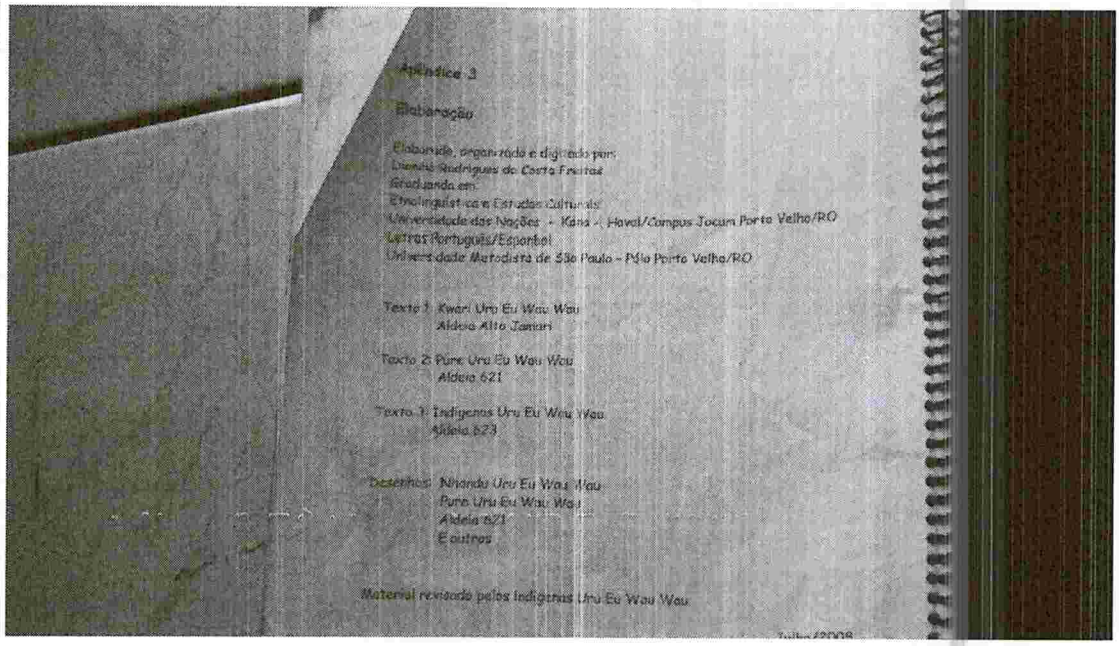
Orehoi arekovo _____ rupi

Orehoi arekovo pehea rupi

Orehoi arekovo _____ rupi

Orehoi arekovo _____ rupi

Orehoi arekovo _____ rupi



Apêndice 3

Elaboração

Elaborado, organizado e digitado por:
Daniela Rodrigues da Costa Freitas
Graduanda em:
Etnolinguística e Estudos Culturais
Universidade das Nações - Kana - Haval/Campus Jocum Porto Velho/RO
Letras Português/Espanhol
Universidade Metodista de São Paulo - Pólo Porto Velho/RO

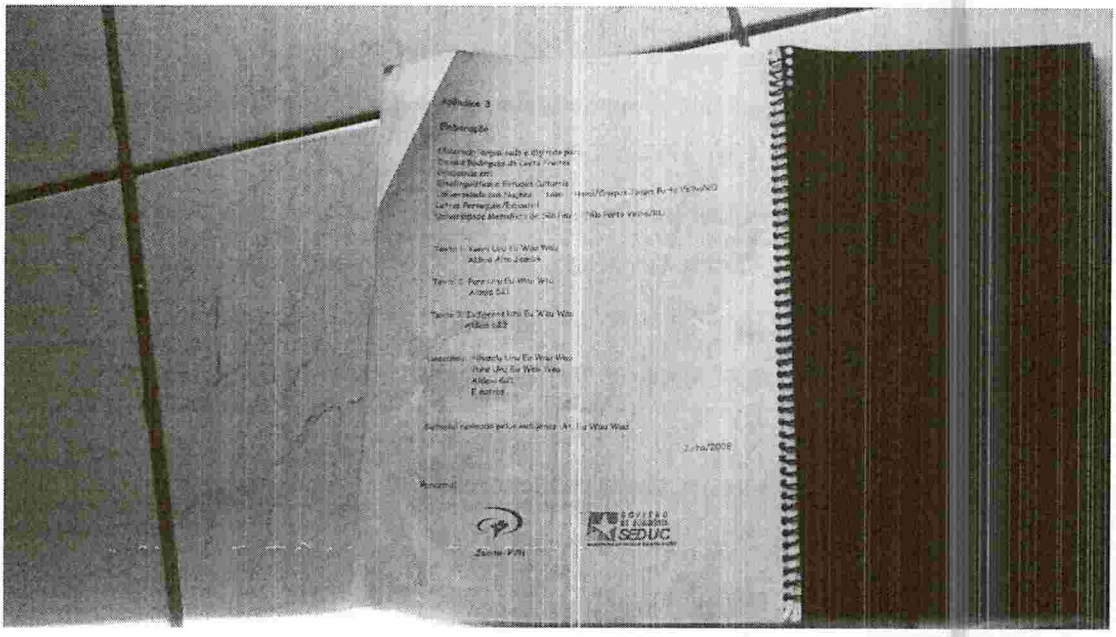
Texto 1: Kwarí Uru Eu Wau Wau
Aldeia Alto Jamari

Texto 2: Pure Uru Eu Wau Wau
Aldeia 621

Texto 3: Indígenas Uru Eu Wau Wau
Aldeia 623

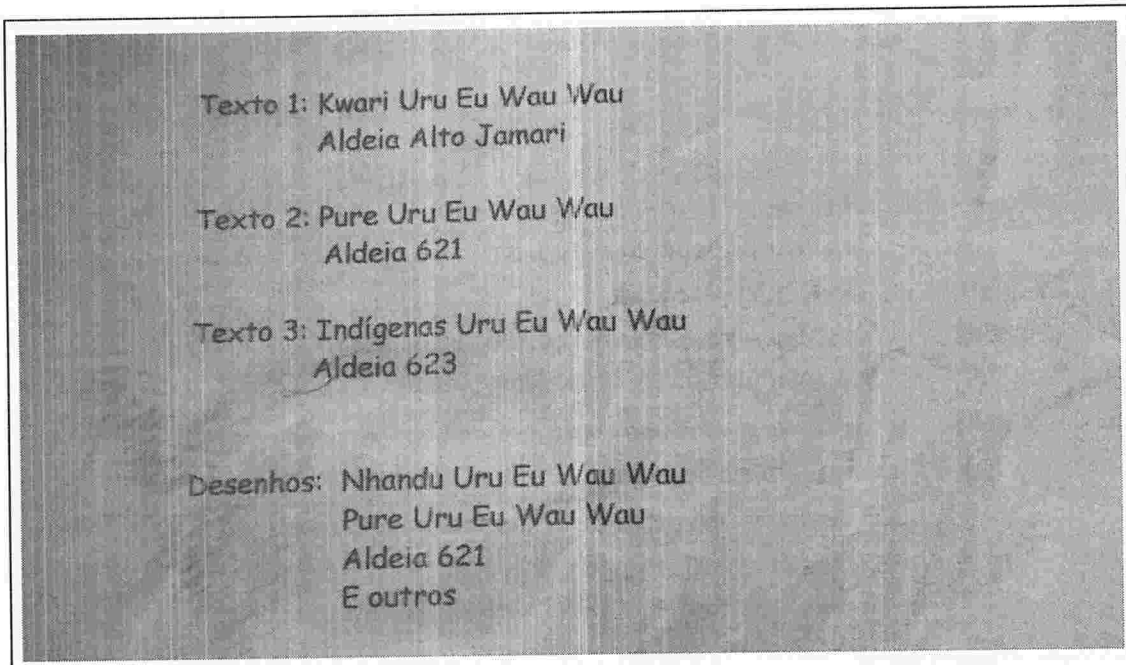
Desenhos: Nhandu Uru Eu Wau Wau
Pure Uru Eu Wau Wau
Aldeia 621
E outros

Material revisado pelos indígenas Uru Eu Wau Wau



Apêndice 3

Elaboração



Produção bibliográfica sobre a língua (incluindo materiais didáticos)

AGUILAR, Ana Maria Gouveia Cavalcanti. Kawahíva como uma unidade linguística. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 9, n. 1, jul. 2017, p. 139-161.

ANASTASSIOY, Cristiane de Almeida. *Amondawa: uma análise sobre os marcadores territoriais linguísticos*. Dissertação. 110 f. Núcleo de Ciências Exatas e da Terra da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho: 2013.

ABRAHAMSON, Arne; ABRAHAMSON, Joyce. Os Fonemas da Língua Júma. Série Linguística Nº 11: 157-174. 1984.

BETTS, La Vera D. Dicionário Parintintin-Português/Português-Parintintim. Cuiabá/MT: SIL, 1981. 231 pp.

BETTS, La Vera D. Kagwahiva dictionary. Anápolis/GO: SIL, 2012. 295 pp.

BETTS, La Vera D. Parintintin discourse. Anápolis/GO: SIL, [telefone anonimizado]. 79 pp.

BETTS, LaVera. The Parintintin world view. Notes on Translation 41. Dallas: ILV: 1971, p. 16-21.

BORELLA, Cristina C. A nasalização em Tenharím. In: Caderno de Resumos do XLVII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL). Bauru/SP: 1999.

BORELLA, Cristina C. Análise dos sons [n] [d], [nd] e [t] na língua Tenharím. In: Caderno de Resumos do

XLV Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL). Campinas/SP: 1997.

BORELLA, Cristina C. Análise fonêmica dos sons [n]. [g], [ng] e [k] na língua Tenharím. In: Caderno de Resumos do XLVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL). São José do Rio Preto/SP: 1998.

BORELLA, Cristina C. Análise fonêmica dos sons [p], [b], [mb], [m] na língua Tenharim. In: Caderno de Resumos do XLIV Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). Taubaté/SP: 1996.

MICHAEL, Lev; CHOUSOU-POLYDOUN, Natalia; O'HAGAN, Zachary; BARTOLOMEI, Keith, DONNELLY, Erin. A bayesian phylogenetic classification of Tupí-Guaraní. Liames, Campinas/SP, n. 15, v. 2, jul./dez. 2015. p. 193-221. Disponível em: file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/8642301-13827-1-PB.pdf. Acessado em: 28 jun. 2017.

CHOUSOU-POLYDOUN, Natalia; O'Hagan, Zachary; BARTOLOMEI, Keith, DONNELLY, Erin; MICHAEL, Lev. An internal classification of Tupi-Guarani using computational phylogenetic methods. Comunicação pessoal. Amazônicas V, Belém, 28 de maio de 2014.

DENÓFRIO, João Paulo Marra. *Breve contribuição etnográfica sobre os Kagwahiva: o coletivo Piripkura*. Relatório de trabalho de campo resultante de consultoria antropológica realizada em 2011. FUNAI/CGIIRC/CTI: Brasília, 2012.

DA SILVA, Rebecca Louize. *A saga Karipuna: uma narrativa oral de experiência pessoal*. 180 p. Dissertação (Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia/UNIR). Porto Velho, 2013.

DENÓFRIO, João Paulo Marra. *La mort est dans la vie: contre-métamorphose et ascension kagwahiva*. 96 p. Dissertação (Mestrado em Etnologia e Antropologia Social - École des Hautes Études en Sciences Sociales). Paris/França, 2013.

ERIKSEN, Love; GALUCIO, Vilacy. The Tupian expansion. IN: O'CONNOR, Loreta; MUYSKEN, Pieter. *The Native Languages of South America: origins, development, typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 177-199.

GALUCIO, Vilacy; MEIRA, Sérgio; BIRCHALL, Joshua; MOORE, Denny; GABAS JÚNIOR, Nilson; DRUDE, Sebastian; STORTO, Luciana; PICANÇO, Gessiane; RODRIGUES, Carmem R. Genealogical relations and lexical distances within the Tupiana linguistic family. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 10, n. 2, maio-ago 2015. p. 229-274.

HANKE, Wanda. Parintintin y boca negra con sus idiomas. Kollasuyo: Revista de Estudos Bolivianos, v. 70, p. 29-47. 1953.

JENSEN, Cheryl. Comparative Tupi-Guarani Morphosyntax. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (eds.). Handbook of Amazonian Languages. V. 4. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 489-618.

JENSEN, Cheryl. The use of coreferential and reflexive markers in Tupi-Guarani languages. Journal of Amazonian Languages, v. 1, n. 2, p. 1-49. 1998

JENSEN, Cheryl. Tupi-Guarani. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 125-163.

LEMLE, Miriam. Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family. In: BENDOR-SAMUEL, David (ed.). Tupi Studies I. Glendale: Church Press Inc., 1971. p. 107-129.

LEONEL, Mauro. Etnodiceia Ruéu-au-au. Edusp: São Paulo, 1995. 224 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes tropiques. Paris: Librarie Plon, 1955. p. 379-439. ISBN: 2-266-02612-7.

LOUKOTKA, Čestmir. Documents et vocabulaire inédits de langues et de dialectes sud-américains. Journal de la Société des Américanistes, Tomo 52, 1963. p. 7-60.

MANSUR-GUÉRIOS, R. F. Novos rumos da tupinologia. Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes, Curitiba, 1935, n. 1, v. 2. 12 p.

MEIRA, Sérgio; DRUDE, Sebastian. A summary reconstruction of proto-maweti-guarani segmental phonology. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 10, n. 2, maio-ago 2015. p. 275-296.

MEIRELLES, Apoena; MEIRELLES, Denise Maldi. Tribos extintas e migrações indígenas em Rondônia (do século XVII até os primeiros decênios do século XX). Anuário de divulgação científica do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (Universidade Católica de Goiás), v. 10, 1981/1984. p. 134-146. ISSN: 0101-6954.

MELLO, Antônio A. S. Estudo histórico da família linguística Tupi-Guarani. Tese. 286 p. (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

MELLO, Antônio A. S. Evidências fonológicas e lexicais para o subagrupamento interno Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). Línguas Indígenas Brasileiras: fonologia, gramática e história. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará (EDUFPA), 2002. p. 338-342.

MERGERS, B. J.; EVANS, C. A reconstituição da pré-história amazônica: algumas considerações teóricas. Edição O Museu Goeldi no Ano do Sesquicentenário. Belém: Publicações Avulsas, n. 20, 1973. p. 51-69.

MÉTRAUX, Alfred. Migrations historiques des Tupi-Guarani. Journal de la Société des Américanistes,

Paris, n. 19, 1927. p. 1-45.

NETTO, Waldemar F.; MORAES, Jorge M. Descrição fonológica preliminar da língua dos Uru Eu Wau Wau: subgrupo Mondáwa. Anais do GEL, 1993. 15 p. Disponível em: file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/DESCRICAO_FONOLOGICA_PRELIMINAR_DA_LINGU.pdf. Acessado em 19 jun. 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1981-mapa/nimuendaju_1981_mapa.jpg. Acessado em: 23 jun. 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os índios Parintintim do rio Madeira. Journal de la société des Américanistes, tomo 16, p. 201-278. 1924.

NIMUENDAJÚ, Curt. Reconhecimento dos rios Icána, Ayarí, e Uaupés, março a julho de 1927. Apontamentos linguísticos. Journal de la Société des Américanistes, Tomo 44, 1955. p. 149-178.

NIMUENDAJÚ, Curt. The Cawahíb, Parintintin, and their neighbors. In: STEWARD, J. H (org.). Handbook of South American Indians I-VI, 3. 283-297. 1948.

NOELLI, Francisco S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. Revista de Antropologia, v. 39, n. 2, p. 7-53. 1996.

PADUA, Alexandre Jorge. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Contribuição para a fonologia da língua Apiaká (Tupí-Guaraní) - Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

PEASE, Helen. Parintintin grammar. Porto Velho/RO: SIL, 2007 [1968]. 78 pp.

PEASE, Helen. Repetições em Tenharim (Parintintín) narrativa. In Arquivos de anatomia e antropologia, vol. IV-V, 245-61, 1979/80.

PEASE, Helen; BETTS, La Vera D. Parintintin phonology. In: BENDOR-SAMUEL, David (ed.). Tupi Studies I. Glendale: Church Press Inc., 1971. p. 1-14.

PEASE, Helen; LA VERA, Betts. Anotações sobre a língua uru-eu-wau-wau. (Arquivo Linguístico). Brasília: SIL, 1991. 55p.

PEGGION, Edmundo A. A classe dos nomes: a onomástica Amondáwa (Kagwahiva/RO). In: CABRAL, Ana S. A. C; RODRIGUES, Aryon D. (orgs.). Línguas e culturas Tupi. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007. p. 123-130. ISBN: 978-85-99944-06-6.

RIVET, Paul. Langues Américaines: III Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, Antoine; COHEN, Mark (eds.). Les langues du Monde. Colettion Linguistique. Paris: Societé de

Linguistique de Paris, 1924. p. 639-717.

RODRIGUES, A. D. Fonética histórica Tupi-Guarani: diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani. Arquivos do Museu Paranaense, Curitiba, n. 4, p. 333-354. 1945.

RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RODRIGUES, Aryon D. A classificação do tronco linguístico Tupi. Revista de Antropologia, v. 12, n. 1/2, p. 99-104. 1964.

RODRIGUES, Aryon D. As consoantes do Proto-Tupi. In: CABRAL, Ana S. A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). Línguas e culturas Tupi. Campinas: Editora Curt Nimuendajú; Brasília: LALI, 2007. p. 167-203.

RODRIGUES, Aryon D. As vogais do Proto-Tupi. In: CABRAL, Ana S. A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). Novos Estudos sobre Línguas Indígenas. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005. p. 35-46.

RODRIGUES, Aryon D. Classification of Tupi-Guarani. Internation Journal of American Linguistics, v. 24, n. 3., jul. 1958. p. 231-234.

RODRIGUES, Aryon D. Relações internas na família Tupi-Guarani. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 27-28, p. 33-53. 1984/1985.

RODRIGUES, Aryon D. Um aspecto da evolução fonética na família Tupi-Guarani. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 3, n. 2, dez. 2011. p. 131-135.

RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Tupian. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). The Indigenous Languages of South America: a comprehensive guide. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 2012. 495-574.

RODRIGUES. Aryon D. Tupi. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 107-124.

SAMPAIO, Wany Bernardete A. The Tupi-Kawahiba languages: A Phylogenetic systematics based comparative study. Apresentação Powerpoint no website PowerShow.com. 2012 http://www.powershow.com/view1/1c20cbZDc1Z/Wany_Bernardete_de_Araujo_Sampaio_Centro_de_Estudos_da_Linguagem_Grupo_de_Estudos_em_Culturas_Educa_powerpoint_ppt_presentation.

SAMPAIO, Wany Bernardete A. Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondava): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba. Dissertação. 103 p. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.

SAMPAIO, Wany; DA SILVA, Vera; MIOTELLO, Valdemir. Mitos Amondawa. Porto Velho: Edufro, 2004.

50p.

SAMPAIO, Wany; SINHA, Chris; DA SILVA, Vera. Estudo descritivo/analítico dos eventos de movimento na língua uru-eu-wau-wau, dialeto Amondawa. Centre for Linguistic Research of Amazonia, Lingua Viva 2, 2004, p. 5-13.

SAMPAIO, Wany; SINHA, Chris; DA SILVA, Vera. Mixing and Mapping: Motion, Path and Manner in Amondawa. In Jiansheng Guo, Elena Lieven, Nancy Budwig, Susan Ervin-Tripp, Key Nakamura (orgs), Crosslinguistic Approaches to the study of language; Reasearch in the tradition of Dan Isaac Slobin. Londres e Nova Iorque: Psychology Press, 2009. p. 427-439.

SCHLEICHER, Charles O. Comparative and internal reconstruction of Proto-Tupi-Guarani. Tese. 372 p. (Doutorado em Linguística) - University of Wisconsin-Madison. Wisconsin, 1998.

SINHA, Chris; DA SILVA, Vera; ZINKEN, Jörg; SAMPAIO, Wany Bernardete A. When time is not space: the social and linguistic construction of time intervals and temporal event relations in an Amazonian Culture. Language and Cognition 3-1, 2011. p. 137-169.

STELLA, J. B. As línguas indígenas da América. Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo, São Paulo, n. 26, 1928. p. 5-172.

Produção em áudio e vídeo na língua

Não há material específico em áudio e vídeo sobre os Uru-Eu-Wau-Wau. Podemos mencionar, por outro lado, o seguinte fato: entre 2014 e 2015, o antropólogo João Paulo Marra Denófrio, por meio de um acordo entre o Museu do Índio/RJ, da FUNAI de Rondônia e a CGIIRC (Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recém-Contato) produziu um relatório antropológico a respeito da produção de uma coleção etnográfica do povo Amondawa. Esse material se encontra depositado nos departamentos correspondentes dos órgãos mencionados. Conforme o antropólogo, o trabalho conta também com entrevistas, fotos e vídeos referentes à produção desses artesanatos. Acreditamos que por se tratar de um povo Kawahiba, o material produzido pelo antropólogo em questão, possa ser útil quando se trata dos Uru-Eu-Wau-Wau.

Produção em áudio e vídeo sobre língua

Remetemos o leitor ao parágrafo anterior.

Produção musical na língua

Não há

Produção na língua disponível na internet

Não há

Produção sobre a língua disponível na internet

Não há vídeos específicos sobre a língua dos Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau, mas há registros em vídeo disponíveis no *Youtube* com a gravação do primeiro contato com os Uru-Eu-Wau-Wau, em Comandante Ary ou Alta Lídia. Os links para acessá-los seguem: Parte 1:https://www.youtube.com/watch?v=UOL-EL2iy28; Parte 2: https://www.youtube.com/watch?v=Wqb5VJJZFEE; Parte 3: https://www.youtube.com/watch?v=_hCdWrTACW4.

7.2 Principais referências documentais

Selecionar e comentar as principais referências documentais **na** e **sobre** a língua

Referências	Comentários
SAMPAIO, Wany Bernardete A. *Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondava): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba*. Dissertação. 103 p. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.	O trabalho de Sampaio (1997) contempla a variedade falada pelos Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Parintintin e Tenharim. Trata-se de uma dissertação sobre o grau de similaridade entre essa variedade e aquelas dos povos Tenharim, Parintintin e Amondawa. Entre seus principais resultados, pode-se mencionar o fato de que autora estabelece que essas quatro variedades têm, no mínimo, inteligibilidade mútua de 80%.
SAMPAIO, Wany Bernadete A. *As línguas Tupi-Kawahib: um estudo sistemático filogenético* (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2012.	Embora informamos aqui a referida tese, ela não se encontra disponível publicamente. Em visita à Biblioteca Central da Universidade Federal de Rondônia, campus Porto Velho, fomos informados de que o material só está disponível para consulta na biblioteca.
PEASE, Helen. *Parintintin grammar*. Porto Velho/RO: SIL, 2007 [1968]. 78 pp.	Embora se trate de uma análise sintática da variedade Parintintin, algumas das generalizações encontradas em Pease (2007 [1968]) podem ser aplicadas à variedade Uru-Eu-Wau-Wau.

Ver Arquivo *Referências Digitalizadas sobre Kawahiba*

7.3 Disponibilidade das produções documentais na comunidade

Comente sobre a disponibilidade e acesso dos documentos identificados pela comunidade linguística. A pergunta básica seria "a comunidade tem acesso a essa documentação?"

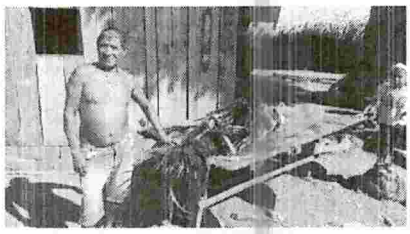
A comunidade não dispunha da literatura sobre a língua e o povo. Dada essa situação, deixamos todos os arquivos digitais que encontramos até o momento para a comunidade.

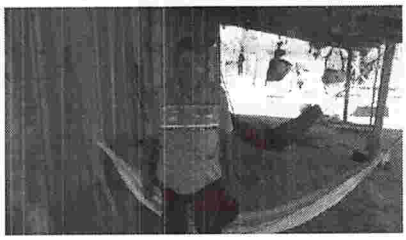
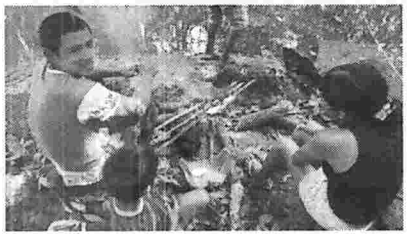
8. Pessoas de referência

Assim como os recursos documentais, identificar as pessoas de referência para as línguas é fundamental para se conhecer e subsidiar ações de valorização e promoção das línguas nas comunidades. Os inventários deverão identificar dois tipos principais de **pessoas de referência** para as línguas: falantes de referência e especialistas.

8.1 Principais falantes de referência

Identifique os principais falantes de referência da língua, como por exemplo, sabedores; professores falantes da língua; autores; cantores/músicos; intelectuais/acadêmicos/especialistas membros da comunidade, entre outros. Liste os nomes e contatos dos principais falantes de referência, e, se possível, caracterize esses falantes, ou seja, informe com maiores detalhes quem são essas pessoas, sua trajetória de vida e o que as torna falantes de referência para a língua. Neste espaço também cabem registros audiovisuais desses falantes, seja a partir da realização de entrevistas sobre diversos temas ou mesmo uma curta biografia de suas vidas contada por eles mesmos.

Lista de nomes/contatos	*Caracterização das pessoas*	*Anexar/ Fazer upload entrevistas/retratos com falantes de referência no acervo digital*
Boakara (Aldeia 621)	Cacique	
Manda (Aldeia 621)	Esposa do cacique Boakara	

Paiajupi (Aldeia 623)	Ancião	
Borea (Aldeia 623) aos fundos	Esposa do ancião Paiajupi aos fundos	
Tangip (Aldeia 621)	Filho mais velho do cacique Boakara. Já atuou como professor da aldeia 621.	
Ari (Aldeia 621), à esquerda.	Professor indígena da Aldeia 621.	
Puré (Aldeia 623), segundo da esquerda para a direita, de cocar.	Professor indígena da aldeia 623. É o único indígena Uru-Eu-Wau-Wau na universidade, neste caso, a Universidade Federal de Rondônia, campus Ji-Paraná.	

8.2 Especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações

Identificação de especialistas (linguistas, antropólogos, educadores) e outras pessoas envolvidas em pesquisas e demais ações de valorização e promoção da língua. Os especialistas podem ser identificados entre pessoas de dentro ou de fora da comunidade. Devem ser identificados seus nomes, seus contatos (inclusive instituição a que pertencem) e uma lista sumária de atividades que realizam.

Nome	Contatos	É membro da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Osmar Marcoli	[telefone anonimizado]	[x] não [] sim	Aluno de mestrado em Linguística na UNICAMP.

			Levantamento lexical, comparação e fonologia.
Wesley Nascimento dos Santos	[telefone anonimizado]; 62 9 9337 9143; e-mail: wesley.nascimento.go@gmail.com	[x] não [] sim	Aluno de mestrado em Linguística na UNICAMP. Documentação linguística e levantamento sociolinguístico para o INDL.
Puré Uru-Eu-Wau-Wau	[telefone anonimizado]	[] não [x] sim	Aluno do curso de educação intercultural da Universidade Federal de Rondônia, campus Ji-Paraná. Junto de seu irmão Ari Uru-Eu-Wau-Wau, tentam revisar a única cartilha existente na língua.
Tangaen Uru-Eu-Wau-Wau	[telefone anonimizado]	[] não [x] sim	Indígena participante do Projeto Açaí, que tem por objetivo formar professores indígenas para as séries iniciais do ensino básico.
Ari Uru-Eu-Wau-Wau (Linha 621)		[] não [x] sim	Professor indígena da aldeia Linha 621. Junto do irmão Puré, tentam revisar a cartilha que há para a educação infantil.
Antonia Vezzaro	[telefone anonimizado]	[x] não [] sim	Mestre em Letras pela UNIR, campus Ji-Paraná. Iniciou um trabalho de levantamento lexical junto de Puré com a finalidade de um glossário. No entanto, o projeto foi interrompido por problemas pessoais e indisponibilidade da pesquisadora.

9. Instituições

9.1 Escola

A seguir, são propostas duas questões básicas para se avaliar a relação entre escola e língua: **língua como disciplina** e **língua de instrução.**

- Professores e materiais didáticos

Selecione as opções que se aplicam à língua de referência

Há professores que falam a língua de referência?

[ ] não [x] sim, todos ou a grande maioria [ ] sim, mas há muitos professores que não falam a língua

Há materiais didáticos na e sobre a língua de referência?

[ ] sim, em boa quantidade e/ou qualidade
[] sim, mas existem ainda muito poucos e/ou de baixa qualidade
[x] não

Observações: como já mencionado, existe uma cartilha elaborada pelos próprios indígenas que, no entanto, se baseou numa ortografia inconsistente e é pouco utilizada na escola.

- Informações sobre escolas na comunidade de referência

Neste item, sugere-se o fornecimento de informações sobre todas as escolas situadas na comunidade de referência. As informações básicas são: *nome da escola, localização* da escola entre as localidades de ocorrência da língua, níveis escolares contemplados, se a escola tem programas especiais como *intercultural, bilíngue* ou *"diferenciado"*. Em seguida, pede-se que os proponentes dos inventários forneçam informações sobre em que língua ocorre a **alfabetização**, qual(is) a(s) língua(s) de **instrução** na escola, ou seja, qual a língua usada para se ensinar as diferentes disciplinas escolares, e se a língua de referência consta como uma **disciplina** escolar. Além de identificar se esse é o caso, deve-se indicar o nome da disciplina no currículo escolar, indicar para quais anos/séries a disciplina é oferecida e em qual/quais escola(s) e localidade(s) ela é ensinada, além de apresentar uma breve descrição sobre o que trata essa disciplina. Sugere-se utilizar o quadro de observações para inclusão de demais considerações pertinentes (consultar Parte 2, seção 9.3, para mais orientações questões relativas à educação escolar).

Utilize uma tabela como esta para cada escola

Nome da Escola	Escola Estadual de Ensino Fundamental Mboakara (EEEF Mboakara)
Local	Aldeia 621
Níveis contemplados	[ ] Ensino Infantil [x] Ensino Fundamental (somente o primeiro ciclo) [ ] Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	[] Sim. Explique: [x] Não (A escola oferece disciplinas na língua e sobre a cultura e língua, no entanto, mesmo nessas aulas, os professores utilizam o português em vários momentos)
Língua de Alfabetização	[x] Português (Obs.: os jovens que passaram pela escola mencionaram que desde sempre a alfabetização nos anos iniciais não acontece na língua, quando se trata das aulas do professor indígena). [ ] Língua de Referência [ ] Outra. Explique:
Língua de Instrução	[ ] A língua de referência é usada na instrução escolar [x] O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	[x] A língua de referência não é uma disciplina escolar [ ] O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) [ ] A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	A partir do 1° ano do Ensino Fundamental, que corresponde ao primeiro ciclo do Ensino Fundamental.
Até que ano escolar?	Até o 5°, ou seja, durante o primeiro ciclo do Ensino Fundamental.
Com que regularidade/frequência no	A frequência de uso da língua como meio de instrução é quase inexistente. Acontece uma única vez na semana, às quartas-feiras, durante o turno da

ano escolar	manhã. Trata-se da disciplina Língua Materna, ministrada pelo professor indígena morador da aldeia. Ainda assim, como citado acima, aparentemente a instrução na língua é mera formalidade, já que os jovens que cursaram os anos iniciais na escola da aldeia relatam que não havia aulas na língua.
Breve descrição do que trata a disciplina	A disciplina, chamada de Língua Materna, trata basicamente dos aspectos culturais do povo, como por exemplo, o que se usa para caçar, de que são feitos os cestos etc.
Observações	

Nome da Escola	Escola Estadual de Ensino Fundamental Aremã (EEEF Aremã)
Local	Aldeia 623
Níveis contemplados	[ ] Ensino Infantil [x] Ensino Fundamental [ ] Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	[] Sim. Explique: [x] Não (A escola oferece disciplinas na língua e sobre a cultura e língua, no entanto, mesmo nessas aulas, os professores utilizam o português em vários momentos.)
Língua de Alfabetização	[x] Português [] Língua de Referência (A alfabetização também se dá em Português, ao mesmo tempo em que aquela na língua de referência) [ ] Outra. Explique:
Língua de Instrução	[] A língua de referência é usada na instrução escolar [x] O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	[x] A língua de referência não é uma disciplina escolar [ ] O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) [] A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	A partir do 1° ano do Ensino Fundamental, isto é, primeiro ciclo do Ensino Fundamental.
Até que ano escolar?	Até o 5° ano do Ensino Fundamental, ou seja, final do primeiro ciclo.
Com que regularidade/frequência no ano escolar	2x na semana; às terças e quintas.
Breve descrição do que trata a disciplina	A disciplina, chamada de Língua Materna, trata basicamente dos aspectos culturais do povo, como por exemplo, o que se usa para caçar, de que são feitos os cestos etc.
Observações	

Nome da Escola	Escola Estadual de Ensino Fundamental Inamburikanga (EEEF Inamburikanga)
Local	Aldeia Alto Jamari
Níveis contemplados	[] Ensino Infantil [x] Ensino Fundamental [ ] Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	[] Sim. Explique: [x] Não (A escola oferece disciplinas na língua e sobre a cultura e língua, no entanto, mesmo nessas aulas, os professores utilizam o português em vários momentos.)
Língua de Alfabetização	[ ] Português

	[x] Língua de Referência (A alfabetização também se dá em Português, ao mesmo tempo que aquela na língua de referência) [ ] Outra. Explique:
Língua de Instrução	[] A língua de referência é usada na instrução escolar [x] O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	[x] A língua de referência não é uma disciplina escolar [ ] O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) [] A língua de referência é um disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	A partir do 1° ano do Ensino Fundamental, isto é, primeiro ciclo do Ensino Fundamental.
Até que ano escolar?	Até o 5° ano do Ensino Fundamental, ou seja, final do primeiro ciclo.
Com que regularidade/frequência no ano escolar	1x na semana; às quartas.
Breve descrição do que trata a disciplina	A disciplina, chamada de Língua Materna, trata basicamente dos aspectos culturais do povo, como por exemplo, o que se usa para caçar, de que são feitos os cestos etc.
Observações	

Nome da Escola	Escola Estadual de Ensino Fundamental da Aldeia Jamari
Local	Aldeia Jamari
Níveis contemplados	[] Ensino Infantil [x] Ensino Fundamental [ ] Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	[] Sim. Explique: [x] Não (A escola oferece disciplinas na língua e sobre a cultura e língua, no entanto, mesmo nessas aulas, os professores utilizam o português em vários momentos.)
Língua de Alfabetização	[x] Português [] Língua de Referência [ ] Outra. Explique:
Língua de Instrução	[] A língua de referência é usada na instrução escolar [x] O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	[x] A língua de referência não é uma disciplina escolar [ ] O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) [] A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	A partir do 1° ano do Ensino Fundamental, isto é, primeiro ciclo do Ensino Fundamental.
Até que ano escolar?	Até o 5° ano do Ensino Fundamental, ou seja, final do primeiro ciclo.
Com que regularidade/frequência no ano escolar	1x na semana
Breve descrição do que trata a disciplina	A disciplina, chamada de Língua Materna, trata basicamente dos aspectos culturais do povo, como por exemplo, o que se usa para caçar, de que são feitos os cestos etc.
Observações	

Nome da Escola	Escola Estadual de Ensino Fundamental Jupa'u (EEEF Jupa'u)
Local	Aldeia Alto Jaru
Níveis contemplados	[] Ensino Infantil [x] Ensino Fundamental [ ] Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	[] Sim. Explique: [x] Não (A escola oferece disciplinas na língua e sobre a cultura e língua, no entanto, mesmo nessas aulas, os professores utilizam o português em vários momentos.)
Língua de Alfabetização	[x] Português [] Língua de Referência [ ] Outra. Explique:
Língua de Instrução	[] A língua de referência é usada na instrução escolar [x] O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	[x] A língua de referência não é uma disciplina escolar [ ] O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) [] A língua de referência é um disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	A partir do 1° ano do Ensino Fundamental, isto é, primeiro ciclo do Ensino Fundamental.
Até que ano escolar?	Até o 5° ano do Ensino Fundamental, ou seja, final do primeiro ciclo.
Com que regularidade/frequência no ano escolar	1x na semana.
Breve descrição do que trata a disciplina	A disciplina, chamada de Língua Materna, trata basicamente dos aspectos culturais do povo, como por exemplo, o que se usa para caçar, de que são feitos os cestos etc.
Observações	

Nome da Escola	Escola Estadual de Ensino Fundamental Aldeia Nova (EEEF Aldeia Nova)
Local	Aldeia da Linha 625 ou Aldeia Nova
Níveis contemplados	[] Ensino Infantil [x] Ensino Fundamental [ ] Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	[] Sim. Explique: [x] Não (A escola oferece disciplinas na língua e sobre a cultura e língua, no entanto, mesmo nessas aulas, os professores utilizam o português em vários momentos.)
Língua de Alfabetização	[x] Português [] Língua de Referência [ ] Outra. Explique:
Língua de Instrução	[] A língua de referência é usada na instrução escolar [x] O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	[x] A língua de referência não é uma disciplina escolar [ ] O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) [] A língua de referência é um disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	A partir do 1° ano do Ensino Fundamental, isto é, primeiro ciclo do Ensino Fundamental.
Até que ano escolar?	Até o 5° ano do Ensino Fundamental, ou seja, final do primeiro ciclo.

Com que regularidade/frequência no ano escolar	1x na semana.
Breve descrição do que trata a disciplina	A disciplina, chamada de Língua Materna, trata basicamente dos aspectos culturais do povo, como por exemplo, o que se usa para caçar, de que são feitos os cestos etc.
Observações	

- Contexto escolar. Identificar se a situação atual das escolas está:

Classifique numa escala se a situação das escolas é favorável, indiferente ou desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola. A isso, segue-se um campo de justificativa: forneça outros detalhes não mencionados ainda e caracterize de modo geral a situação escolar.

[ ] Favorável à promoção do uso da língua de referência na escola
[x] Indiferente à promoção do uso da língua de referência na escola
[] Desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola
Justificativa e caracterização (se houver) das situações desfavoráveis para a promoção da língua no contexto escolar: Embora esteja prevista a instrução escolar na língua de referência, os jovens que passaram pela escola da aldeia afirmam que não receberam o ensino por meio da língua. Na verdade, segundo esses mesmos jovens, algumas vezes, ao interpelarem o professor indígena para que ministrasse algo na língua dos Uru-Eu-Wau-Wau, o professor se mostrava indiferente, situação que perdurou até os jovens concluírem o primeiro ciclo do Ensino Fundamental quando, então, migram para a escola de não indígenas, onde a instrução escolar se dá unicamente em Português. De igual modo, contribui negativamente o fato de que a única disciplina que trata da cultura e, por isso, também da língua, acontece uma única vez na semana, às quartas-feiras, no período matutino, situação igual para todas as demais escolas Uru-Eu-Wau-Wau. Por parte dos professores, estes sempre apontam como dificuldade para a promoção da língua em sala a falta de materiais didáticos. Como temos pontuado ao longo deste relatório, o único material existente na língua é uma cartilha que os próprios indígenas elaboraram. Além disso, essa cartilha não é utilizada com frequência na escola.

9.2 Demais serviços públicos

Identificar quais são os serviços públicos que são oferecidos na língua. Marque quantas opções forem necessárias.

[ ] Saúde	Observações:
[ ] Prefeitura	Observações:
[ ] Outros	Observações:

9.3 Outras Instituições

Identificar se há e quais são as instituições que atuam no território da língua e se suas atividades apoiam o uso da língua de referência, quais são e de que maneira o fazem. Enfatizar os tipos de instituições que são vetores para a promoção da língua de referência. Identifique o tipo de organização, se ela é de dentro ou de fora da comunidade, e quais tipos de atividades ligadas à promoção da língua elas promovem.

	Identificação (nome e endereço)	Procedência	Atividades realizadas	Observações
Associações Representantes	Associação Jupa'u (Associação do Povo Indígena Uru-Eu-Wau-Wau), localizada na aldeia onde o presidente reside. Atualmente, o presidente é um indígena Uru-Eu-Wau-Wau da Aldeia Alto Jamari, Juripi Uru-Eu-Wau-Wau.	[ ] de fora da comunidade [x] de dentro da comunidade	1. representar o povo Uru-Eu-Wau-Wau; 2. responsável pelas demandas sociais e políticas da comunidade frente à sociedade nacional;	
Organização governamentais	Projeto Açaí do Governo Estadual de Rondônia.	[x] de fora da comunidade [] de dentro da comunidade	Oferece cursos de magistério para indígenas, a fim de se tornarem professores da educação básica em suas aldeias.	Há, atualmente, um casal de indígenas Uru-Eu-Wau-Wau participante do Projeto. Um reside na aldeia 621, e o outro na aldeia 625.
Organismos internacionais		[ ] de fora da comunidade [ ] de dentro da comunidade		
ONGs nacionais	Organização Etnoambiental Kanindé	[x] de fora da comunidade [ ] de dentro da comunidade	Responsável pelo assessoramento em projetos de sustentabilidade para a comunidade Uru-Eu-Wau-Wau	
ONGs internacionais	WWF	[x] de fora da comunidade [ ] de dentro da comunidade	Projetos de educação etnoambiental junto à Kanindé.	
Religiosas/ missionárias		[ ] de fora da comunidade [ ] de dentro da comunidade		
Grupos/Coletivos de cultura		[ ] de fora da comunidade [ ] de dentro da comunidade		

Outros:		[ ] de fora da comunidade [ ] de dentro da comunidade		

9.4 Organizações que ameaçam a língua e a cultura da comunidade linguística

Indicar se há, quais são e o que fazem organizações que – na opinião deste dos proponentes do inventário – possam ser um fator de ameaça para a língua e para a cultura da comunidade.

Instituição	O que tem sido desenvolvido	Consequências
JOCUM (*link* para acesso ao site: http://www.jocum.com.br/)	Quando participaram dos encontros da JOCUM, os indígenas Uru-Eu-Wau (dois da linha 621 e um da linha 623) passaram por uma espécie de treinamento cristão, quando liam a bíblia e oravam todos os dias. Ademais, segundo levantamos com alguns destes indígenas que foram participantes dos encontros da JOCUM, o objetivo da instituição era traduzir a bíblia para a língua. Ao que parece, os missionários aprenderam a língua dos indígenas e produziram uma bíblia, cuja capa é ilustrada abaixo: 	Felizmente, não se constatou alguma consequência direta ou indireta da atuação dessa instituição na comunidade. Isso provavelmente se deveu pelo desinteresse dos indígenas que participaram do projeto. Além disso, acreditamos que para isso também contribuiu o fato de que alguns integrantes da JOCUM, um casal de missionários, quando moraram entre os Uru-Eu-Wau-Wau da aldeia Alto Jamari (ou Jamari?), terem adotado uma indígena Uru-Eu-Wau-Wau que foi concebida da relação entre um branco e uma indígena da comunidade. No entanto, a adoção pelo casal foi de consenso somente da mãe, e não da comunidade, o que pode ter levado ao término da relação dessa instituição com os Uru-Eu-Wau-Wau.
Obs.:	Embora não haja mais indígenas Uru-Eu-Wau-Wau envolvidos com a JOCUM, há poucos anos houve a participação de três (3) indígenas UEWW em encontros realizados por essa instituição em Porto Velho.	

Módulo 5

Diagnóstico Sociolinguístico[1]

Este módulo contém questões relativas à língua de referência e à comunidade linguística que se mesclam, de modo a caracterizar a língua em relação ao contexto sociolinguístico mais amplo da comunidade. Muitas das questões a serem discutidas envolvem técnicas de recenseamento linguístico ou, de modo mais geral, o que chamamos de levantamento demográfico.

1. Falantes[2]

Nesta seção são apresentados resultados ou estimativas da quantidade de falantes da língua de referência e de outras línguas, contando com uma breve caracterização dessas situações de contato entre línguas em nível individual: quantidade de sujeitos monolíngues (falantes de apenas uma língua, sendo essa a língua de referência ou outras), bilíngues (falantes de duas línguas) e plurilíngues (falantes de três ou mais línguas).

1.1 Número de falantes da língua de referência

Preencha o quadro a seguir com as informações requeridas sobre a quantidade de falantes das línguas de referência (em números absolutos). Quando a comunidade de referência for um recorte da comunidade linguística, preencher também a terceira coluna à direita (consultar orientações específicas sobre proficiência e definições de falantes na Parte 2, seção 2, deste Guia).

---

[1] Este módulo contém várias questões que devem ser respondidas somente por inventários amplos, pois requerem aplicação extensiva e intensiva de técnicas de pesquisa como o *levantamento demográfico*.

[2] O Volume I traz as definições sobre os tipos de falantes e a Parte 2, seção 2, deste volume traz instruções para a definição de proficiência linguística e sua correspondência aos tipos de falantes.

ALDEIA 621		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	10	67
Número de falantes parciais	6	16
Número de não-falantes	5	25
Observações	Há também um indígena Tenharim casado e residente na aldeia 621. Dos 10 falantes fluentes, um (1) mora na cidade de Ouro Preto do Oeste, mas está na aldeia quase que constantemente, dado que é professor na aldeia 623. Há dois indígenas da etnia Juma na aldeia 621, dos quais uma é residente, casada com um indígena desta aldeia.	

ALDEIA 623		
	Na comunidade de referência	Na comunidade linguística (uma

	(somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	estimativa total)
Número de falantes	12	67
Número de falantes parciais	4	16
Número de não-falantes	4	25
Observações		

ALDEIA LINHA 625 ou ALDEIA NOVA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	8	67
Número de falantes parciais	1	16
Número de não-falantes	1	25
Observações		

ALDEIA ALTO JAMARI		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	11	67
Número de falantes parciais	3	16
Número de não-falantes	3	25
Observações		

ALDEIA JAMARI		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	7	67
Número de falantes parciais	2	16

Número de não-falantes	4	25
Observações		

ALDEIA ALTO JARU		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	10	67
Número de falantes parciais	0	16
Número de não-falantes	5	25
Observações		

FALANTES QUE MORAM ENTRE OS ORO WIN, FORA DA T.I URU-EU-WAU-WAU		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	3	67

Número de falantes parciais	0	16
Número de não-falantes	0	25
Observações		

URU-EU-WAU-WAU QUE VIVEM NA T.I KARIPUNA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	5	67
Número de falantes parciais	0	16
Número de não-falantes	3	25
Observações		

URU-EU-WAU-WAU NA ALDEIA TRINCHEIRA DOS AMONDAWA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	1	67

Número de falantes parciais	0	16
Número de não-falantes	0	25
Observações		

ESTIMATIVA TOTAL	
Número de falantes	67
Número de falantes parciais	16
Número de não-falantes	25
Observações	Para efeito somativo desse levantamento, não estamos considerando que pertence à comunidade linguística o indígena Tenharim da Aldeia 621, nem os dois jovens Juma que moram nessa mesma aldeia.

1.2 Estimativa de indivíduos monolíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes monolíngues, considerando as línguas faladas dentro da comunidade. Crie novas linhas para inserir novas línguas.
Utilize o campo de observações para complementar as informações, bem como para discutir e/ou justificar as quantidades indicadas.

- Qual a estimativa de falantes monolíngues?

ALDEIA 621		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	0	6
Em português	5	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0

Observações:

ALDEIA 623		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	2	6
Em português	4	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0

ALDEIA 625 OU ALDEIA NOVA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	0	6

Em português	1	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0

ALDEIA ALTO JAMARI		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	3	6
Em português	4	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0

ALDEIA JAMARI		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	0	6
Em português	3	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0

ALDEIA ALTO JARU		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)

Na língua de referência	0	6
Em português	5	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0

URU-EU-WAU-WAU ENTRE OS ORO WIN		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	1	6
Em português	0	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0

URU-EU-WAU-WAU ENTRE OS KARIPUNA DE RONDÔNIA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	0	6
Em português	0	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0

URU-EU-WAU-WAU NA ALDEIA TRINCHEIRA DOS AMONDAWA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado	Na comunidade linguística (uma estimativa total)

	pela pesquisa)	
Na língua de referência	0	6
Em português	0	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0

ESTIMATIVA TOTAL	
Na língua de referência	6
Em português	22
Nas demais línguas faladas no território	0

1.3 Estimativa de indivíduos bilíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes bilíngues na comunidade pesquisada em relação a cada uma das possibilidades indicadas a seguir (língua de referência + português e/ou língua de referência + outra língua que não o português). Utilize o quadro de observações para incluir informações adicionais e/ou para justificar/discutir as estimativas apresentadas.

- Entre os falantes da língua de referência...

ALDEIA 621		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Quantos também falam português?	11	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0	0

Observações:

ALDEIA 623		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Quantos também falam português?	6	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0	0

ALDEIA 625		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Quantos também falam português?	9	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0	0

ALDEIA ALTO JAMARI		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Quantos também falam português?	8	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0	0

ALDEIA JAMARI		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Quantos também falam português?	7	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0	0

ALDEIA ALTO JARU		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Quantos também falam português?	10	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0	0

URU-EU-WAU-WAU ENTRE OS ORO WIN		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Quantos também falam português?	3	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0	0

URU-EU-WAU-WAU ENTRE OS KARIPUNA DE RONDÔNIA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Quantos também falam português?	2	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0	0

URU-EU-WAU-WAU NA ALDEIA TRINCHEIRA DOS AMONDAWA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Quantos também falam português?	1	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0	0

ESTIMATIVA TOTAL	
Quantos também falam português?	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	0

1.4 Caracterização de situações de plurilinguismo

Responda às questões a respeito de indivíduos plurilíngues nos campos a seguir.

- Quantos são os indivíduos na comunidade que falam três ou mais línguas?

Utilize números absolutos para apresentar a estimativa.

Na comunidade de referência	Na comunidade linguística

(somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	(uma estimativa total)
0	0

- Quais são as línguas mais comuns faladas por indivíduos que dominam mais de duas línguas

Indique as combinações de línguas em indivíduos plurilíngues mais frequentemente identificadas na comunidade.

Os Uru-Eu-Wau-Wau falam a variedade Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau e o Português.

2. Aquisição

Aquisição é um tema que se desdobra em duas questões. A primeira diz respeito a que línguas são adquiridas como primeira ou segunda língua na comunidade. Apresente-as hierarquicamente e, se necessário, indique mais de uma língua na mesma posição. A segunda questão diz respeito às formas de aquisição da segunda língua pelos membros da comunidade (consultar a Parte 2, seção 6.2, para obter maiores informações).

- Qual língua é mais comumente aprendida como **primeira língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1: Português
Língua 2
Língua 3

- Qual língua é mais comumente aprendida como **segunda língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1: Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau
Língua 2
Língua 3

- Para as línguas adquiridas como segunda língua, indique:

Preencha com as informações requeridas quanto à aquisição da segunda língua:

i.) identifique a língua por meio da sua denominação;
ii.) informe em que fase da vida ocorre a aquisição dela (por exemplo, na infância, na idade escolar, na fase adulta, etc.); e
iii.) em que situações sociais (onde e com quem) a língua é geralmente adquirida (em casa com os pais, nas ruas com amigos, na escola, etc.).

Crie, se necessário, novas tabelas para incluir mais línguas.

Língua:	Uru-Eu-Wau-Wau
Em que fase da vida dos indivíduos a língua é adquirida?	Quando aprendida, o que não é comum atualmente, isso se dá na infância. Verifica-se que por não haver um contexto propício para o aprendizado da língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau após o aprendizado do Português, os Uru-Eu-Wau-Wau geralmente se tornam monolíngues em Português.
Em que contextos sociais ela está sendo adquirida?	A língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau é adquirida somente na aldeia durante o contato com os falantes que têm acima de 30 anos. Ao mencionar a aldeia, não estamos implicando que a escola, que por estar situada na aldeia, também ajude. Como já dissemos, o cenário hoje é de indiferença na promoção da língua.

- Há diferenças notáveis entre a aquisição da língua de referência em diferentes localidades investigadas?

No quadro abaixo identifique as localidades e em que elas se diferenciam.

Não. De acordo com os professores da aldeia 621 e 623, assim como alguns jovens que passaram pela escola dessas duas aldeias, a situação é semelhante nas demais aldeias Uru-Eu-Wau-Wau. Embora em algumas aldeias o número de falantes é superior ao de não falantes, o cenário é de jovens e crianças entre 0 a 20 anos que são bilíngues passivos.

3. Transmissão da língua de referência

Esta seção contém duas entradas distintas de dados: na primeira, são requeridos os números absolutos e o percentual de falantes fluentes, parciais e não falantes em cinco faixas etárias. A segunda questão é focada na transmissão da língua de referência para a qual cada inventário indicará o grau correspondente dentre aqueles apresentados, além de uma breve justificativa para a seleção do grau (no quadro observações).

3.1 Taxa de transmissão

Com base em seu levantamento demográfico, indique os tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem. Na seção 5.5 do volume 1 trazemos algumas sugestões caso a identificação da idade dos indivíduos seja um problema para certos inventários.

ALDEIA 621			
Pessoas-chave: Tangip e Ari			
	Falantes Fluentes [1]	Falantes com proficiência parcial [2]	Não falantes [3]
	Nº absoluto	Nº absoluto	Nº absoluto
Infância 0-12	-	1	5
Juventude 13-25	1	6	-
Adulta I 26-40	7	-	-
Adulta II 41-60	2	-	-
Idoso +60	-	-	-
OBS.:	Como já mencionado, há um indígena Tenharim e dois indígenas Juma entre os Uru-		

	Eu-Wau-Wau. Os números finais do levantamento dos Uru-Eu-Wau-Wau, no entanto, não consideram esses indígenas.

ALDEIA 623			
Pessoas-chave: Ari e Manda			
	Falantes Fluentes [1]	Falantes com proficiência parcial [2]	Não falantes [3]
	Nº absoluto	Nº absoluto	Nº absoluto
Infância 0-12	-	3	4
Juventude 13-25	5	1	-
Adulta I 26-40	-	-	-
Adulta II 41-60	5	-	-
Idoso +60	2	-	-

ALDEIA 625 OU ALDEIA NOVA			
Pessoas-chave: Boropo e Tangip			
	Falantes Fluentes [1]	Falantes com proficiência parcial [2]	Não falantes [3]

	Nº absoluto	Nº absoluto	Nº absoluto
Infância 0-12	-	-	1
Juventude 13-25	7	1	-
Adulta I 26-40	-	-	-
Adulta II 41-60	1	-	-
Idoso +60	-	-	-

ALDEIA ALTO JAMARI			
Pessoas-chave: Boropo e Tangip			
	Falantes Fluentes [1]	Falantes com proficiência parcial [2]	Não falantes [3]
	Nº absoluto	Nº absoluto	Nº absoluto
Infância 0-12	-	2	3
Juventude 13-25	-	1	-
Adulta I 26-40	3	-	-
Adulta II 41-60	5	-	-
Idoso +60	3	-	-

ALDEIA JAMARI			
Pessoas-chave: Boropo e Tangip			
	Falantes Fluentes [1]	Falantes com proficiência parcial [2]	Não falantes [3]
	Nº absoluto	Nº absoluto	Nº absoluto
Infância 0-12	-	1	4
Juventude 13-25	-	1	-
Adulta I 26-40	3	-	-
Adulta II 41-60	3	-	-
Idoso +60	1	-	-

ALDEIA ALTO JARU			
Pessoas-chave: Tangip e Boropo			
	Falantes Fluentes [1]	Falantes com proficiência parcial [2]	Não falantes [3]
	Nº absoluto	Nº absoluto	Nº absoluto
Infância 0-12	-	-	3
Juventude 13-25	3	-	2
Adulta I 26-40	4	-	-

Adulta II 41-60	3	-	-
Idoso +60	-	-	-

URU-EU-WAU-WAU ENTRE OS ORO WIN			
Pessoas-chave: Boropo e Manda			
	Falantes Fluentes [1]	Falantes com proficiência parcial [2]	Não falantes [3]
	Nº absoluto	Nº absoluto	Nº absoluto
Infância 0-12	-	-	-
Juventude 13-25	-	-	-
Adulta I 26-40	1	-	-
Adulta II 41-60	1	-	-
Idoso +60	1	-	-

URU-EU-WAU-WAU DA T.I KARIPUNA			
Pessoas-chave: Boropo e Manda, além de visita *in loco* à aldeia dos Karipuna.			
	Falantes Fluentes [1]	Falantes com proficiência parcial [2]	Não falantes [3]
	Nº absoluto	Nº absoluto	Nº absoluto

Infância 0-12	-	-	3
Juventude 13-25	-	-	-
Adulta I 26-40	1	-	-
Adulta II 41-60	1	-	-
Idoso +60	0	-	-

URU-EU-WAU-WAU NA ALDEIA TRINCHEIRA DOS AMONDAWA			
Pessoas-chave: Boropo e Manda, além de visita *in loco* à aldeia dos Amondawa.			
	Falantes Fluentes [1]	Falantes com proficiência parcial [2]	Não falantes [3]
	Nº absoluto	Nº absoluto	Nº absoluto
Infância 0-12	-	-	-
Juventude 13-25	-	-	-
Adulta I 26-40	-	-	-
Adulta II 41-60	1	-	-
Idoso +60	-	-	-

TOTAL PARA URU-EU-WAU-WAU						
	Falantes Fluentes [1]		Falantes com proficiência parcial [2]		Não falantes [3]	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Infância 0-12	-	-	7	6,48%	23	21,29%
Juventude 13-25	16	14,81%	10	9,25%	2	1,85%
Adulta I 26-40	19	17,59%	-	-	-	-
Adulta II 41-60	22	20,37%	-	-	-	-
Idoso +60	7	6,48%	-	-	-	-
	64	59,25%	17	15,74%	25	23,14%
			38,88%			
Observações:	É importante frisar que não estamos considerando os indígenas Tenharim e Juma, residentes na aldeia 621, como parte do somativo total. Indicamos entre parênteses, entretanto, o número que esses indígenas representam.					

3.2 Grau de transmissão da língua

Indique o grau de transmissão da língua marcando a opção adequada. Propomos quatro níveis para a transmissão da língua, definidos da seguinte maneira: i) ***estável;*** ii) ***em crise***; iii) ***em retomada de crescimento;*** iv) ***interrompida.*** Utilize o quadro de observações para outras considerações bem como para a discussão/ análise do grau selecionado (consultar Parte 2, seção 6.2, para mais orientações sobre os níveis).

[ ] Estável
[x] Em crise
[ ] Em retomada de crescimento
[ ] Interrompido

Observações: